

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Diego Ribeiro Fortunato Freire

Prós e contras da contação de histórias no presencial e virtual: o estudo de caso da Biblioteca Hans Christian Andersen durante a pandemia de covid-19

São Paulo
2022

Diego Ribeiro Fortunato Freire

Prós e contras da contação de histórias no presencial e virtual: o estudo de caso da Biblioteca Hans Christian Andersen durante a pandemia de covid-19

Trabalho de conclusão do Curso de Biblioteconomia, da Universidade de São Paulo, apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Asa Fujino

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA Chefe: Francisco Carlos Paletta Vice-chefe: Cibeles Araújo Camargo Marques dos Santos

XXXX Freire, Diego

Prós e contras da contação de histórias no presencial e virtual: o estudo de caso da Biblioteca Hans Christian Andersen durante a pandemia de covid-19. Orientadora: Asa Fujino. 2022. 78 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Informação e Cultura, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

1. Serviços Virtuais em Bibliotecas. 2. Contação de Histórias. 3. Mediação de Leitura. 4. Formação de leitor. 5. Pandemia de Covid-19.

Diego Freire PRÓS E CONTRAS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PRESENCIAL E VIRTUAL: O ESTUDO DE CASO DA BIBLIOTECA HANS CHRISTIAN ANDERSEN. Trabalho de conclusão do Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Informação e Cultura da Universidade de São Paulo (USP), apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Examinado em 7 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Asa Fujino – CBD-ECA-USP (Orientadora)

Prof. Dr. Marcelo dos Santos – CBD-ECA-USP (Examinador)

Prof. Dra. Adaci Aparecida Oliveira Rosa da Silva - Unimes-SP (Examinadora)

RESUMO

A presente monografia analisa os impactos da necessidade de isolamento social, em decorrência da pandemia de Covid-19, no oferecimento de serviços virtuais, especialmente nas Contações de Histórias realizadas em Bibliotecas, observando a experiência de Contadores de Histórias que, entre 2020 e 2021, realizaram suas apresentações de forma virtual. Trata-se de estudo exploratório, fundamentado em referencial teórico e análise de caso na Biblioteca Hans Christian Andersen, instituição sediada no bairro de Tatuapé, na Zona Leste de São Paulo-SP (Brasil), considerada referência em contações para o público infantil. Com base no depoimento dos contadores de histórias e de representantes do público, o trabalho lista impactos positivos e negativos dos meios digitais para a prática de Contações de Histórias, com o intuito de compreender o quanto esses meios podem contribuir para o futuro da prática, além de reflexões sobre o papel da biblioteca na formação de leitores e a necessidade de capacitação de bibliotecários para a atividade de Contação de Histórias em si.

Palavras-chave: Serviços Virtuais em Bibliotecas, Contação de Histórias, Mediação de Leitura, Formação de leitor, Pandemia de Covid-19

ABSTRACT

This monograph analyzes the impacts of the need for social isolation, as a result of the Covid-19 pandemic, on the provision of virtual services, especially in Storytelling held in Libraries, observing the experience of Storytellers who, between 2020 and 2021, held their presentations virtually. This is an exploratory study, based on a theoretical framework and case analysis at the Hans Christian Andersen Library, an institution based in the neighborhood of Tatuapé, in the East Zone of São Paulo-SP (Brazil), considered a reference in stories for children. Based on the testimony of storytellers and representatives of the public, the work lists positive and negative impacts of digital media for the practice of Storytelling, in order to understand how these media can contribute to the future of the practice, in addition to reflections on the role of the library in the formation of readers and the need to train librarians for the activity of Storytelling itself.

Keywords: Virtual Services in Libraries, Storytelling, Reading Mediation, Reader Training, Covid-19 Pandemic

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 A tradição oral.....	11
2.2 Contação de histórias e mediação de leitura.....	11
2.3 O viés educativo e lúdico da contação de histórias.....	12
2.4 Contação de histórias nas bibliotecas públicas.....	13
2.5 Papel do bibliotecário como educador e formador de leitores.....	15
2.6 Formação do bibliotecário.....	16
2.7 Ambiente na contação de histórias.....	16
2.8 Podcasts: uma nova perspectiva.....	18
2.9 Relatos de experiências virtuais.....	19
2.9.1 Caso em hospitais de Minas Gerais.....	20
2.9.2 Caso em biblioteca escolar no Rio de Janeiro.....	21
2.9.3 Caso em bibliotecas na Espanha.....	23
3 O ESTUDO DE CASO.....	26
3.1 A Biblioteca Hans Christian Andersen.....	26
3.2 Dados da Biblioteca.....	26
3.3 A ideia da infância e a ambientação da Biblioteca Infantil.....	27
3.4 A biblioteca pública voltada a leitores crianças.....	29
3.5 A experiência da Biblioteca durante a pandemia.....	30
3.6 As contações de história antes e depois.....	31
4 DEPOIMENTOS.....	33
4.1 Depoimentos: primeiras impressões sobre contações de história durante a pandemia.....	33
4.2 Depoimentos: as vantagens e desvantagens da contação realizada por meios virtuais.....	35
4.3 Depoimentos: a visão do público que acompanhou as contações de história.....	51
4.4 Depoimentos: os requisitos para que bibliotecários atuem com contação de histórias.....	60

4.5 Depoimentos: as perspectivas futuras para a contação de histórias no ambiente virtual.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
5.1 O desafio das bibliotecas na pandemia.....	64
5.2 Aspectos da contação presencial e virtual.....	65
5.3 Comparação com estudos semelhantes.....	66
5.4 A exclusão digital.....	67
5.5 A formação do contador de histórias.....	68
6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	69
REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a proliferação da Covid-19 como uma pandemia¹, em um momento no qual o Brasil registrava 52 casos² e o mundo 118 mil casos confirmados da doença³.

Pouco menos de um mês depois, em 7 de abril daquele ano, quando o Brasil já tinha mais de 13 mil casos e quase 700 mortes⁴ (enquanto no mundo todo eram mais de 1 milhão de casos e mais de 70 mil óbitos⁵), a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) liberou uma carta aberta, assinada por diversos países, com recomendações importantes a respeito da pandemia e o setor de bibliotecas no contexto mundial (ROCHA; WELLICHAN, 2020, p. 497).

Em meio a regras de quarentena adotadas pela maioria dos governos, o documento instruiu práticas a serem adotadas pelas bibliotecas, que precisariam adaptar grande parte de seus serviços por um tempo, até então, indeterminado.

Entre os pontos de atenção estavam os eventos de ação cultural, que deveriam ser evitados para não gerar aglomerações. Como solução temporária, transmissões virtuais foram adotadas por diversas bibliotecas ao redor do mundo, “pois por meio dos serviços de videoconferência – tecnologia que permite o contato visual e sonoro entre pessoas que estão em lugares diferentes” seria “possível trocar informações e ampliar a cultura e formação da comunidade” (ROCHA; WELLICHAN, 2020, p. 501).

¹ ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA-SUS**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 21 out. 2021.

² BRASIL registra 52 mil casos de Covid em 24 horas; média móvel aponta alta de 35% em 2 semanas. **G1**, 1 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/01/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-1-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2021.

³ OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. **OPAS**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁴ CASOS de coronavírus no Brasil em 7 de abril. **G1**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/07/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-7-de-abril.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁵ CORONAVIRUS Disease 2019 (COVID-19): Situation Report 78. **World Health Organization**, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

As práticas de contação de histórias e mediação de leitura se enquadram nesses tipos de atividade, tradicionalmente executadas em ambientes cheios, reunindo um público (infantil ou não) ao redor de contadores lendo um livro ou encenando com gestos, ruídos e adereços os detalhes de cada história narrada.

Por mais que tenham existido diversas experiências anteriores de contação de história através de telas (inclusive com o sucesso de programas de televisão que contavam com quadros do tipo, como o Rá-Tim-Bum, da TV Cultura (RÁ-TIM-BUM..., 2012), a situação excepcional gerada pela pandemia representou um desafio para bibliotecas que adotavam a contação de histórias em seu dia a dia.

Afinal, os aspectos humanos sempre foram vistos como parte importante da prática, fortalecendo o envolvimento entre público, contador e história narrada.

Quando um mediador oral narra brilhantemente uma história, torna essa atividade envolvente. Uma história contada com emoção, marca a criança pelo resto da vida. Assim, o ato de contar histórias é fundamental, uma vez que, as histórias fazem parte da natureza humana. Elas têm o poder de congrega e emocionar, interiorizar conceitos e preconceitos, portanto devem ser muito bem escolhidas. (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 214).

Este trabalho se propôs a analisar como a pandemia de Covid-19 impactou a prática de contação de histórias nas bibliotecas, levando os profissionais a temporariamente abandonarem a contação presencial para realizarem contações virtualmente de forma até então incomum para muitos deles.

Da mesma forma, o trabalho observou o que ocorreu quando as regras de distanciamento foram abrandadas e as contações de história voltaram a ser realizadas presencialmente, ainda que muitas vezes com públicos menores para que algumas regras sanitárias de isolamento ainda fossem cumpridas.

Considerando tal contexto, vivenciado pelas bibliotecas, e a oportunidade de conhecer detalhes sobre esses dois momentos distintos, o trabalho se propõe a uma reflexão sobre o futuro da contação de histórias em bibliotecas.

Assim, buscam-se respostas a algumas indagações: Quais seriam os prós e os contras que os serviços virtuais podem oferecer para a prática de contação de histórias? É viável que bibliotecas adotem sistemas híbridos ou migrem o serviço para ambientes virtuais mesmo com o fim da pandemia? E quais são os novos aspectos a serem considerados para qualificação desta atividade de forma híbrida?

Além disso o trabalho buscou referências na literatura especialmente relacionadas à: capacitação de bibliotecários para mediação de leitura presencial ou virtual; infraestrutura local e virtual; e infraestrutura por parte dos participantes à distância, entre outros.

Para trazer novos elementos a esses debates, foi realizado um estudo exploratório, de natureza descritiva, fundamentado em referencial teórico e um estudo de caso sobre uma instituição que tem a contação de história como um de seus principais serviços e não havia considerado a possibilidade de realizar a atividade de forma não presencial até ser forçada pela pandemia.

É a Biblioteca Municipal Hans Christian Andersen, situada no bairro do Tatuapé, na zona leste de São Paulo, especializada em contos de fadas e que lida com um público-alvo que, de forma geral, ainda não está completamente alfabetizado - o que torna a contação de história ainda mais essencial para seus profissionais.

O estudo de caso visa registrar os desafios enfrentados pela biblioteca infantil para adaptar a contação de história para o formato digital no longo período em que suspendeu os serviços presenciais durante a pandemia.

Em um segundo momento, também serão apresentadas as experiências dos profissionais da instituição quando houve a reabertura e algumas contações de história puderam voltar a ser realizadas presencialmente, seguindo protocolos sanitários.

Nesta etapa foram entrevistados a chefe da biblioteca, contadores de histórias ligados à instituição e usuários (pais de crianças que frequentam o local), que relataram o que vivenciaram entre março de 2020 e o primeiro semestre de 2022.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A tradição oral

Comunicação mais natural do que a escrita para os seres humanos, a palavra verbalizada pode ser descrita como a “unidade propulsante da comunicação entre os indivíduos”, de modo a poder se fazer presente até mesmo em nosso inconsciente – quando, por exemplo, lemos um texto escrito e imaginamos a mensagem sendo oralizada em nossas cabeças (BORTOLIN, 2010, p. 36).

Essa característica intrínseca da oralidade - capaz de transmitir mensagens sem a intermediação de dispositivos como livros, computadores, celulares, tablets ou qualquer recurso capaz de sustentar um texto escrito – é relevante por toda a nossa vida, mas pode ter um papel ainda mais impactante quando estamos desenvolvendo a habilidade de consumir histórias por outros meios.

Ou seja: a oralidade é especialmente interessante quando estamos sendo alfabetizados ou ainda somos leitores em formação (embora, naturalmente, ela possa ser apreciada e trazer conhecimento para qualquer pessoa em qualquer idade).

Nesse contexto, a prática de contação de histórias orais em bibliotecas é um poderoso instrumento para abrir ou sedimentar as portas da leitura a seus frequentadores – especialmente em idade de alfabetização. Por essas características, a figura de um mediador (seja ele bibliotecário ou não) que execute a função de ler histórias em voz alta para um público presente é de grande valia em bibliotecas infantis ou escolares, com destaque.

O bibliotecário, como mediador da leitura, lê em voz alta para os alunos que frequentam os espaços da biblioteca; indica bons livros; conta estórias do arco da velha; desenvolve projetos de leitura; organiza com os professores coletâneas das produções dos alunos; estabelece a hora da leitura participativa; cria círculos de leitura; organiza dramatizações com os alunos para exibição nos intervalos; participa das aulas de leitura na biblioteca; envolve a comunidade adjacente em ações para o desenvolvimento da leitura; e não fica focado em atividades somente para o dia da leitura na escola, porque entende que a leitura é um processo contínuo e importante e que deve ser trabalhada ao longo do período. (MORAIS; FERNANDES, 2018, p. 127).

2.2 Contação de histórias e mediação de leitura

Vale destacar que a contação de uma história oral pode ser uma leitura mediada (de um livro, por exemplo) ou a narração de uma história sem o apoio de um texto escrito.

Esses detalhes são levados em conta para determinar o que são duas atividades diferentes: a mediação de leitura (quando um profissional lê um livro para ouvintes) e a contação de histórias (quando a história não é lida literalmente como está no livro, mas sim contada com a interpretação e possibilidade de uso de adereços e recursos comunicacionais diversos por quem está narrando).

O trabalho com o livro vale para valorizar o suporte e o que está escrito, mostrar de onde vem aquela história e de que forma ela está escrita, tal qual o fez o autor. Já na narração de histórias, há a possibilidade da improvisação, de utilização de elementos da linguagem oral, do contador se colocar em uma posição em que há maior contato visual com as crianças e uma maior interação. Nessa situação, ainda é possível agregar outros elementos à história para deixá-la mais rica, mesmo sem mudar o roteiro original. (GUILHERME, 2013).

É a diferença entre ler uma história (mediação de leitura) e contar uma história (contação de histórias). Das duas formas, pode-se cumprir um interesse papel de despertar o interesse pela leitura, especialmente quando uma obra relacionada ao tema faz parte do acervo de uma biblioteca.

[...] o contato com a literatura infantil, por meio da arte de contar histórias, pode levar a criança, conforme Maciel (2008), ao encantamento próprio às experiências artísticas, a chamada fruição estética, em que se usufrui dessa vivência com todos os sentidos, despertando o prazer por essa atividade. O que fará com que o aluno encontre sentido em se apropriar das práticas de leitura. (ARTUSSA; MONTEIRO, 2018, p. 46).

2.3 O viés educativo e lúdico da contação de histórias

Neste trabalho o foco maior está na prática contação de histórias, embora algumas referências também sejam válidas para a mediação de leitura.

Digna da classificação de “arte”, a atividade de contação de histórias pode ser descrita como “a prática milenar de narração oral com apresentação dramática de contos e histórias” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 104), um serviço capaz de gerar o interesse pela leitura e, conseqüentemente, também responsável muitas vezes por impulsionar a alfabetização de crianças ou até mesmo de pessoas de outras faixas etárias a depender do contexto e do público ouvinte.

Apesar desse forte viés educativo, é impossível desassociar a contação de histórias também dos elementos lúdicos — um aspecto que deve sempre ser citado quando tratamos desse assunto, especialmente no caso do público infantil.

Sua figura central é o contador de histórias que procura encantar e transportar os ouvintes a outras realidades, desafiando o imaginário. Bastante utilizada com crianças em escolas e bibliotecas infantis, vale-se da diversão como uma característica forte, permeando todas as ações. Divertindo, desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 104).

“Transporte a outras realidades”, “desafio ao imaginário”, “diversão” e “estímulo à imaginação” são alguns conceitos que por vezes podem parecer abstratos, porém muito ricos em significado se buscarmos explicar o impacto que uma contação de história envolvente pode despertar em uma criança.

Tal efeito, que pode ser muito representativo no desenvolvimento da personalidade que aquela criança assumirá posteriormente em sua vida, é possível quando há a combinação entre uma boa história e o talento do contador, que deverá se utilizar de diversos artifícios — visuais, gestuais, auditivos, etc. — para gerar uma experiência marcante.

Ao realizar a oralidade estamos contribuindo com a construção de uma atmosfera que inicialmente é realizada pelo leitor-narrador e posteriormente pelo leitor ouvinte na medida em que aumenta a integração entre eles no ato da narrativa. Essa atmosfera, pode se intensificar ou não sob a interferência da força do texto narrado, da experiência e segurança do leitor-narrador que consegue produzir baixo ou alto índices de reação no leitor-ouvinte no momento da recepção. (BORTOLIN, 2010, p. 22).

2.4 Contação de histórias nas bibliotecas públicas

Por todos esses benefícios acima descritos — seja no aspecto educativo ou lúdico —, a prática de contação de histórias tem especial valor no escopo de atividades de uma biblioteca pública, tipo de instituição que, caracteriza-se por: 1) destinar-se a toda coletividade, ao contrário de outras que têm funções mais específicas; 2) possuir todo tipo de material (sem restrições de assuntos ou de materiais); 3) ser subvencionada pelo poder público (federal, estadual ou municipal), se diferindo da biblioteca comunitária/popular, que surge da comunidade e é por ela gerida, sendo o atendimento feito, geralmente, por voluntários (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 18).

Por seu papel social, a biblioteca pública deve oferecer especial atenção à formação de jovens leitores (um processo que, como já mencionado, pode envolver a contação de histórias como forma de despertar o interesse pela leitura) e ao esforço para tornar acessível os conteúdos de seu acervo para toda a comunidade, sem distinções — o que pode significar o uso da comunicação oral como recurso para transmitir histórias.

Dessa forma, temos referência a elementos típicos das contações de histórias presentes no manifesto da Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA, na sigla em inglês) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, na sigla em inglês) sobre bibliotecas públicas, um documento de referência para esse tipo de instituições.

Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. [...] Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriados assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. (IFLA; UNESCO, 1994, p. 22).

As menções à necessidade de atendimento a “todos os grupos etários” e à presença de “todos os tipos de suporte” e possivelmente “fundos tradicionais” entre os serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas já deixam implícitas as características da contação de histórias no manifesto da IFLA e da Unesco. A referência, no entanto, torna-se mais evidente em uma lista de doze “missões-chave” das bibliotecas públicas, destacada no mesmo documento.

A lista, inteiramente relacionada com “a informação, a alfabetização, a educação e a cultura” expõe que as bibliotecas públicas têm como missão: criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância; (...) assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa; (...). estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens; e (...) apoiar a tradição oral, entre outros atributos (IFLA; UNESCO, 1994, p. 22).

O fato de ao menos quatro das doze “missões-chave das bibliotecas públicas”, estipuladas pela IFLA e Unesco, trazerem relações diretas com a prática de contação de história ilustra a importância da necessidade de que esse serviço esteja fortemente presente na rotina de qualquer biblioteca pública, especialmente no caso de uma

biblioteca especializada no público infantil, como ocorre com instituição que é objeto desse estudo de caso.

2.5 Papel do bibliotecário como educador e formador de leitores

Apesar da grande importância, “pode-se perceber que a discussão sobre a participação do bibliotecário na formação do leitor em escolas é ainda recente com relação à história da leitura e por isso mesmo deve ser analisada, avaliada, desenvolvida” (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 48).

Embora a prática de leituras mediadas esteja provavelmente presente em bibliotecas desde as primeiras interações entre o público infantil e os ambientes de leitura, ainda há espaço para mais debates e estudos sobre as habilidades e formações que um contador de histórias deve buscar para cumprir o papel educador – além, é claro, do aspecto de entretenimento que certamente uma leitura pode oferecer ao público.

[...] o bibliotecário, a princípio não conhece a parte pedagógica e por isso mesmo precisa inteirar-se da área educacional, adquirindo novos conhecimentos por meio de leituras, encontros e conversas com educadores, reuniões, palestras e cursos entre outros. Enfim, este é um dos momentos em que o bibliotecário deve praticar a autocrítica e cumprir com a necessária educação continuada. (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 48).

Assim, temos a compreensão de que a leitura de uma história (seja ela lida a partir de um livro ou contada) perde muito em fundamentação se não for realizada por um profissional que busque minimamente conhecer seu público e entender suas necessidades, além de estudar um pouco de pedagogia ou técnicas diversas que possam estar relacionadas à boa transmissão de uma mensagem.

De forma geral, tudo deve ser pensado com atenção ao público-alvo. A escolha da história e como ela será contada deve levar em conta a faixa etária, o conhecimento, os interesses e muitos outros detalhes do perfil do público que acompanha uma leitura.

Além da capacidade e da especialização de quem lê ou conta uma história, diversos outros recursos podem agregar pontos positivos à contação de uma história ou medição de uma leitura. Podemos citar aparatos como fantoches, recursos sonoros (que podem vir de CDs ou de objetos que produzam certo som), vestimentas do

contador e diversos outros elementos capazes de enriquecer a transmissão de uma mensagem.

2.6 Formação do bibliotecário

Considerando que a mediação cultural tem como meta "promover a aproximação entre indivíduos e coletividades e obras de cultura e arte" (COELHO, 1997, p. 247) fica evidente a importância do bibliotecário como mediador de leitura ou contador de histórias, abrindo um debate sobre que formação um profissional deve ter para exercer o papel de aproximar potenciais leitores dos livros.

Entre competências, habilidades e atitudes esperadas do mediador de leitura, Cavalcante e Rasteli (2013, p. 169) listaram: ser leitor ativo, conhecer as teorias da leitura, valorizar as narrativas orais, viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes e estabelecer relações afetivas com o leitor, entre outras.

E, embora tenha refletido sobre o tema muito antes da pandemia de Covid-19 e da urgência de prestação remota de serviços, Cavalcante e Rasteli (2013, p. 174) já elencaram também a necessidade de o mediador de leitura ter “competências aplicadas às TIC” e “conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0”.

Nesse contexto, as competências estão ligadas ao aprendizado sobre questões de cunho tecnológico. Abarcam o aprendizado de habilidades de operação e comunicação por meio de computadores, a compreensão do funcionamento de equipamentos (hardware), seus programas (softwares) e suas aplicações, e, ainda, a produção, organização, disseminação e acesso às informações de forma automatizada, com vistas a resolver problemas por meio do uso da tecnologia. (CAVALCANTE; RASTELI, 2013, p. 174).

No entanto, acima de todas as competências e atitudes já mencionadas, os autores dão foco à educação continuada como uma necessidade do mediador de leitura (e que também pode valer para um contador de histórias) – ou seja, o hábito de sempre aprender e se adaptar a contextos novos, como notadamente foi o caso da pandemia de Covid-19 que forçou os contadores de histórias a realizarem seu trabalho em um novo ambiente.

2.7 Ambiente na contação de histórias

E tão importante quanto todos os outros aspectos citados é o ambiente em que uma contação da história é realizada, passando pela infraestrutura oferecida pelo local (analisando fatores como iluminação ou acústica, que certamente podem beneficiar ou comprometer a compreensão de uma história).

“O espaço organizado para a mediação de leitura demonstra subliminarmente a preocupação da biblioteca com a atividade, bem como cria significado ao público que a frequente” (PETELIN; FUJINO, 2019, p. 25). Porém, podemos ir ainda além nessa reflexão, pensando também nas possibilidades de interação que o ambiente proporciona entre mediador e leitor-ouvinte.

Referente a esses aspectos menos tangíveis do ambiente em que uma contação de história é realizada – se referindo, por exemplo, a sensações como a respiração de quem lê a história, cheiros ou gestos –, Bortolin (2010) criou o termo “oralisfera”, buscando juntar a palavra *oralis* (do latim oris = boca) e *sfera* (do grego sphaira, que pode ser traduzida como ambiente). Ou seja: “oralisfera” seria a existência de uma atmosfera que envolve oralidade e enriquece a experiência da contação de uma história.

Minha intenção com a Oralisfera é que as pessoas envolvidas com as narrativas orais literárias compreendam quanto é necessário e fundamental a construção de uma ambiência com a participação coletiva do leitor-narrador, leitor-ouvinte e os demais elementos que compõem o ato da oralidade. Sendo eles: voz, corpo, movimento, respiração, ruído, som, cheiro, gesto, olhar, sussurro, pausa e silêncio. Elementos que no conjunto são a presença corporal e textual, criando uma ambiência ideal para performance. (BORTOLIN, 2010, p. 21).

O conceito de “Oralisfera” é particular do estudo acima mencionado, mas descreve um aspecto que pode sim ser muito importante para a apreciação das contações orais de histórias em bibliotecas: a ligação entre contador de história e ouvinte que, segundo a autora, só é possível em ambientes presenciais, com os benefícios que a proximidade de uma pessoa concede para compreender a mensagem que ela tenta transmitir, uma vez que envolve elementos relacionados à performance da pessoa responsável pela atividade .

Nesse contexto buscamos refletir sobre os aspectos, apontados na literatura, a serem considerados para que a contação de história possa ser realizada fora do ambiente presencial.

2.8 Podcasts: uma nova perspectiva

Entende-se por “podcast” uma página, site ou aplicativo onde arquivos de áudio estão disponibilizados para reprodução; enquanto “podcasting” é o ato de gravar ou divulgar os mencionados arquivos de áudio (BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007, p. 839). A referência mais antiga conhecida do conceito é de fevereiro de 2004, quando o jornalista Bem Hammersley utilizou o termo em um artigo no jornal britânico The Guardian (ABREU, 2012, p. 12).

Com a evolução da prática, especialistas listaram quatro tipos de podcasts: “Expositivo/ Informativo”, “Feedback/ Comentários”, “Instruções/Orientações” e “Materiais autênticos”. Há ainda o podcast em vídeo designado como “vídeocast” no conceito dos pesquisadores Michael Geoghegan e Dan Klass (ABREU, 2012, p. 22), com conteúdo multiplataformas que podem ser reproduzidos não apenas em dispositivos de áudio, como o Spotify, mas também em dispositivos que reproduzem vídeos, como o YouTube.

Inicialmente popularizados nos Estados Unidos e hoje fortemente disseminados entre o público brasileiro, os podcasts se revelaram uma ferramenta com forte potencialidade educacional, inclusive já inseridos em certas atividades escolares mesmo muito antes da pandemia de Covid-19 acelerar diversas tendências de digitalização.

As potencialidades que um instrumento como o podcast permite em contexto de sala de aula são inúmeras, se para tanto o professor estiver motivado e disposto a enfrentar os novos desafios que esta tecnologia possibilita. Desde o planejamento do equipamento a utilizar, até à escolha do editor áudio, passando pela reflexão sobre as finalidades e objetivos a atingir, são alguns passos que têm de ser realizados antes de entrar nesta aventura de utilizar o podcast em contexto educativo. (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 89).

Em movimento semelhante, os contadores de histórias também viram nos podcasts uma grande oportunidade para ampliar o alcance de seu trabalho e torná-lo atemporal — ou seja, possível de ser reproduzido a qualquer momento e de qualquer lugar, uma vantagem que as novas Tecnologias da Informação e do Conhecimento (TIC) trouxeram em relação à contação de histórias presencial e até mesmo à contação de histórias já realizados em programas de televisão, mencionada na introdução deste trabalho.

Outra vantagem são as possibilidades de efeitos sonoros que podem ser inseridos em uma contação de história pré-gravada, além de a edição favorecer o aprimoramento do trabalho — planejando e executando “uma seleção do que deve ser gravado, os efeitos que se deseja produzir, a modificação de aspectos que não ficaram adequados” (ABREU, 2012, p. 12).

Os pontos positivos do formato levaram à criação de diversos podcasts para o público infantil, em uma opção de entretenimento de crescente popularidade que pode envolver contações de histórias. Em reportagem publicada em 5 de março de 2021 — portanto, durante o período de isolamento social provocado pela pandemia — o site da revista Pais & Filhos, da Editora Abril, listou 8 podcasts infantis de contação de histórias para “soltar a imaginação” de crianças.

Entre outros produtos, as indicações do site incluíram conteúdos com participação de crianças (como o podcast “Ideia de Criança”, com interação entre crianças de 5 e 7 anos com seus pais durante leituras e outras atividades), um programa voltado a inspirar meninas com a história de mulheres extraordinárias (“Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes”) e até o “Imagina Só”, podcast com contos muito curtos de duração máxima de 3 minutos.

A variedade de formatos mostra o potencial dos podcasts como espaço de contação de histórias, ponto que foi observado neste estudo de caso ao analisar as opções utilizadas pela biblioteca para oferecer o serviço de contação durante a pandemia.

2.9 Relatos de experiências virtuais

Os impactos das chamadas Tecnologias da Informação e do Conhecimento (TIC) no funcionamento das bibliotecas aumentaram de forma contínua nas décadas finais do século XX e seguem o curso de transformações neste século. Como observou Silva (2008, p. 6), “a utilização do computador para ordenar a informação gerada e registrada, foi a grande resposta à explosão do novo século. A era da informática é o tratamento computadorizado do conhecimento e da informação”.

O contexto da tecnologia de informação, portanto, não representa mais uma novidade na vida do bibliotecário, com “a utilização de recursos tecnológicos e computacionais para geração e disseminação da informação” (SILVA, 2008, p. 7). A atividade de contação de histórias, porém, havia sido menos transformada pela atual

revolução digital, mantendo-se tradicionalmente presencial e “analógica” no sentido de interagir pouco com tecnologias e novos sistemas como a internet, dispositivos móveis ou computadores – ao menos no que se refere à transmissão dos eventos para a rede mundial de computadores.

Nesse sentido, a pandemia de Covid-19, oficialmente declarada pela OMS em 11 de março de 2020 e cujo estado de emergência foi considerado encerrado no Brasil por decreto assinado em 26 de abril de 2022, representou uma grande reviravolta — forçando de forma repentina que atividades presenciais fossem adaptadas para formatos on-line.

O evento mundial levou a mudanças significativas na rotina dos contadores de histórias, que viram na transmissão por vídeo a única possibilidade de manter sua atividade, antes predominantemente presencial. Dentro e fora das bibliotecas, alguns casos já foram registrados na literatura.

Todas essas experiências servem de parâmetro para uma melhor compreensão das análises deste estudo, que buscará compreender os impactos da experiência de contação de histórias no ambiente virtual durante a pandemia no Brasil.

2.9.1 Caso em hospitais de Minas Gerais

Um dos estudos de caso, relatados na literatura, foi conduzido por três acadêmicos do curso de Enfermagem, um enfermeiro discente da pós-graduação *stricto sensu* e um docente orientador da Universidade Federal de São João del Rei-Campus Centro-Oeste, em Minas Gerais (Brasil).

Os autores observaram a importância da contação de histórias no ambiente hospitalar – uma prática “simples”, mas que permite que “o universo seja ampliado através da imaginação da criança, possibilitando aos profissionais a criação de vínculos e a busca de novas maneiras de executar o cuidado a este público” (SILVA; SEI, 2019, p. 3).

Pelo programa “Projeto Contos: a arte de humanizar o ambiente pediátrico em instituições de saúde”, a equipe desenvolveu um aplicativo digital (compatível com determinados sistemas de aparelhos celulares) para possibilitar contações de histórias a crianças hospitalizadas durante a pandemia de Covid-19, no período entre março de 2020 e março de 2021.

Realizado nos setores pediátricos de um hospital de médio porte e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), o experimento teve um saldo final considerado positivo por possibilitar a comunicação com pacientes mesmo durante a pandemia e tornado o momento “menos doloroso”.

Por outro lado, voluntários contadores de histórias apontaram também desvantagens do meio virtual, relatando maior facilidade na criação de vínculo com os pacientes durante as atividades presenciais (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 8).

No balanço final, o experimento demonstrou que a contação de histórias gravadas em vídeo poderá seguir como uma opção mesmo com o fim do isolamento social:

Após a interrupção das atividades presenciais de extensão houve a possibilidade de continuidade das ações extensionistas utilizando-se a tecnologia digital, dando oportunidade para o cuidado lúdico à criança hospitalizada e a articulação do ensino, pesquisa e extensão para os alunos que vivenciam a educação na modalidade virtual. (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 1).

2.9.2 Caso em biblioteca escolar no Rio de Janeiro

Em bibliotecas, uma experiência do mesmo período foi registrada pela biblioteca de uma escola internacional de educação básica, localizada na cidade do Rio de Janeiro (RJ), de classe social alta, durante o ano de 2020. Entre diferentes medidas para se adaptar ao período de isolamento social, a instituição enviou materiais gravados com contações de histórias e mediações de leituras em formato audiovisual para estudantes de diferentes idades.

Por tratar do contexto escolar, este estudo traz o interessante relato da adaptação que a pandemia exigiu não apenas da biblioteca, mas também de professores, que, como descrito em texto publicado pela Agência Brasil com autoria dos jornalistas Gilbeto Costa e Mariana Tokarnia:

[...] foram obrigados a refazer todas as aulas, passar novos exercícios, escrever apostilas, gravar em vídeo os conteúdos das disciplinas, criar canais próprios em redes sociais, mudar avaliações, fazer busca ativa de alunos e se aproximar das famílias dos estudantes. (COSTA; TOKARNIA, 2020).

O estudo observa que, apesar da massiva utilização da internet, a educação escolar “não saiu ilesa” e deixou exposto o “dilema das desigualdades sociais”, com desfavorecimento de alunos com menor acesso à internet (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 4). A mesma lógica deve ser considerada quando pensamos na contação de histórias em bibliotecas — considerando que a migração do serviço para ambientes virtuais naturalmente tende a excluir usuários sem pleno acesso tecnológico.

No caso específico da biblioteca estudada, a condição social média dos estudantes reduziu a dificuldade que a exclusão digital poderia causar em outros contextos. O estudo observou que os alunos tinham acesso à estrutura adequada para utilizar os conteúdos compartilhados digitalmente, bem como “a equipe pedagógica da instituição recebeu treinamentos e suporte técnico necessários para a realização do ensino à distância” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 13) — uma condição privilegiada dentro da realidade brasileira.

Ainda assim, dificuldades foram relatadas dos dois lados: no caso dos alunos houve a preocupação de que pudessem absorver os conteúdos de maneira satisfatória e que fossem atenuados os prejuízos de “sociabilização entre os estudantes e a equipe da biblioteca” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 9) com a predominância dos meios virtuais na comunicação. Para reduzir esses efeitos, a biblioteca promoveu lives interativas em tempo real e procurou não limitar seus serviços a vídeos gravados.

Já no caso dos profissionais bibliotecários foi notório o desafio de trabalhar de casa com ferramentas novas. A própria autora relatou que, em sua experiência pessoal como bibliotecária, “se fez necessário a adaptação do ambiente doméstico para a gravação de vídeos e áudios e a atualização do computador utilizado para o oferecimento de lives, para a edição de materiais audiovisuais e a criação de material educativo, assim como a adaptação ergonômica do espaço de trabalho” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 14).

Apoiado pela biblioteca escolar, mas com temas definidos pelos docentes, a contação de histórias foi uma das várias estratégias educacionais que contaram com apoio da biblioteca, enriquecendo atividades escolares ligadas a reflexão e interpretação.

Além disso, “ao final de cada contação, era solicitado que (os alunos) realizassem atividades que estimulassem as relações intrapessoais, uma vez que o momento pelo qual a sociedade estava passando era de luto e as crianças estavam

se acostumando ao isolamento e às ausências impostas” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 9).

Em sua conclusão, o estudo destacou aspectos positivos da contação de histórias por meio virtual no contexto da pandemia, inclusive com relatos de responsáveis e estudantes que utilizaram os materiais enviados “em momentos de relaxamento” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 12) — ou seja, que acessaram os vídeos com histórias não apenas durante o período de aula, indicando a aceitação desse formato.

Também foi apontado que, “como feedback, foram recebidas, durante todo o período de ensino remoto, mensagens de agradecimento de pais, estudantes e equipe administrativa em reconhecimento pelo empenho que a equipe da biblioteca apresentou diante de um cenário repleto de dificuldades físicas, emocionais e psicológicas” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 13).

Outro ponto de destaque foi a experiência positiva que um discente com transtorno do espectro autista teve com as atividades virtuais, acompanhando satisfatoriamente o conteúdo de acordo com o relato de uma professora (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 12). Embora seja um caso específico e no qual o estudo não tenha se aprofundado, esse caso levanta outro debate que deve ser posto quando migrarmos um serviço de contação de histórias para o meio virtual: como pessoas em condições específicas poderão ser prejudicadas pelo fato de a prática eventualmente deixar de ser presencial.

Porém, apesar da experiência bem-sucedida na escola em questão, o estudo também pontuou que, de forma geral, a migração de serviços educacionais para ambientes virtuais ainda representa um grande desafio no Brasil:

A sociedade da informação há muito tempo tenta se adequar à evolução tecnológica a fim de modificar seus processos operacionais e otimizar tempo, espaço, recursos e mão de obra dentro de empresas e instituições. No Brasil, contudo, essa mudança não tem ocorrido de maneira satisfatória, uma vez que uma boa parcela da população não possui acesso à internet de qualidade e muitos ainda não possuem acesso à dispositivos de acesso à internet. (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 13).

2.9.3 Caso em bibliotecas na Espanha

Fora do Brasil, experiências desse período foram registradas na Espanha, onde bibliotecas seguiram orientação para o isolamento obrigatório, implementado no país

em março de 2020. Entre outras adaptações de serviços, as bibliotecas também levaram as contações de histórias para o ambiente virtual, em casos compilados em artigo de Mata e Landim (2020).

Foram observadas, por exemplo, algumas medidas digitais adotadas por bibliotecas na região da Andaluzia, detalhadas em artigo publicado no portal Comunidad Baratz por Leonor Velásquez e Julián Marquina. Os autores pontuaram que “a compreensão geral foi a de que o digital não é contraditório ao presencial e, nesses tempos, é praticamente a única maneira de continuar”.

Entre medidas inovadoras, a Biblioteca Municipal de Isla Cristina desenvolveu um programa semanal na rádio local (também disponibilizado no YouTube) com leitura de textos. Já a Red de Bibliotecas Públicas Municipales de Motril publicou vídeos de leituras retransmitidos em um canal de televisão local, inclusive disponibilizando interpretação por linguagem de sinais.

Esses dois casos não tiveram exatamente o foco no público infantil, como neste estudo, mas agregaram interessantes alternativas para adaptar a mediação de leitura de forma remota. Sobre a contação de histórias para crianças, os autores relataram:

A contação de histórias, atividade tradicional celebrada em bibliotecas, também adquiriu uma nova roupagem digital na região da Andaluzia. As bibliotecas municipais de la Palma del Condado e de Higuera de la Sierra organizam a narração e a divulgação, nas mídias sociais, de contos interpretados pelas mães contadoras de histórias das comunidades. Outras iniciativas semelhantes envolvem a gravação de áudios e vídeos de contos e a sua disponibilização é realizada via canais do YouTube ou grupos no WhatsApp e no Facebook, além da transmissão de videochamadas em grupos. (VELÁZQUEZ; MARQUINA, 2020 apud MATA; LANDIM, 2020, p. 22).

Outro ponto interessante da compilação de casos espanhóis foi o fato de que o país europeu determinou que a reabertura de bibliotecas ocorresse já na Fase 01 da política de flexibilização das políticas de confinamento — cuja época de implementação variou em cada região do país, a depender da quantidade de casos reportados (MATA; LANDIM, 2020, p. 22).

Com isso, as bibliotecas espanholas ficaram relativamente pouco tempo fechadas ao público em comparação ao que se observou no Brasil. Ainda assim, nos dois países foi possível observar a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para atenuar os impactos do fechamento para os usuários.

A partir do levantamento das iniciativas realizadas nos contextos brasileiro e espanhol, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se destacam como recursos essenciais na realização de atividades remotas no âmbito biblioteconômico. Do telefone às mídias sociais, passando por ambientes digitais na Web e serviços de trocas de mensagens, as TIC estão presentes em todas as ações de continuidade de oferta de serviços realizadas remotamente. (MATA; LANDIM, 2020, p. 31).

Mata e Landim (2020) pontuam que as bibliotecas brasileiras e espanholas tiveram que se tornar “bibliotecas sem paredes” durante a pandemia, saltando ao mundo digital “sem a chance de se preparar previamente”. O estudo elogia a forma como as bibliotecas responderam “rápida e energicamente” ao contexto pandêmico, destacando o papel das mídias sociais para possibilitar que as instituições seguissem prestando serviços a seus públicos.

A maioria das bibliotecas utiliza o Facebook, o Instagram, o Twitter e, às vezes, o WhatsApp para se inter-relacionar com seus usuários. Também se destaca o uso de canais do YouTube para variadas atividades, que ficam armazenadas no canal ou ocorrem ao vivo, como, por exemplo, contação de história, bate-papo com autor, clube de leitura, entre outras. (MATA; LANDIM, 2020, p. 32).

O papel dessas redes nas ações das bibliotecas durante a pandemia também será objeto de atenção deste estudo, sobretudo no caso das plataformas que puderam dar suporte para as contações de histórias (mais notadamente o Facebook e o YouTube).

Até o momento, os estudos de caso sobre bibliotecas na pandemia ainda são poucos. “A emergência da situação e a escassez de publicações em torno da temática representaram uma limitação ao estudo. Por isso, são encorajados estudos sistemáticos e a observação de iniciativas semelhantes em outros contextos internacionais” (MATA; LANDIM, 2020, p. 33).

Desta forma, este estudo pretende também dar sua contribuição para a compreensão dos impactos da pandemia na rotina das bibliotecas, em um momento no qual todos esses efeitos ainda são recentes e pouco analisados.

3 O ESTUDO DE CASO

3.1 A Biblioteca Hans Christian Andersen

A Biblioteca Hans Christian Andersen foi inaugurada em 09 de julho de 1952, quando ainda se chamava Biblioteca Infantil do Tatuapé, sendo a primeira biblioteca inaugurada na região Leste de São Paulo. Três anos depois, o espaço passou a se chamar Biblioteca Infanto-Juvenil Hans Christian Andersen, nome de um famoso escritor de contos de fadas dinamarquês. Entre seus contos famosos estão O Patinho Feio, A Pequena Sereia e Soldadinho de Chumbo.

O patrono da biblioteca, Hans Christian Andersen, construiu sua carreira artística em Copenhague (Dinamarca) através de diferentes expressões artísticas, como o teatro, a dança e até a música. Aos 30 anos, escreve seu primeiro conto de fadas e em pouco tempo se tornou referência na temática.

As narrativas destacam personagens fora do padrão instituído pela sociedade, o que o consolidou como um escritor original para o seu tempo. O dia de seu nascimento, 02 de abril, é hoje a data em que se comemora o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil.

A Lei nº3.853 de 18 de março de 1950 que “Dispõe sobre a instalação de bibliotecas infantis em diversos distritos e subdistritos da capital” é uma das leis que impulsiona o surgimento da Biblioteca tratada neste trabalho.

3.2 Dados da Biblioteca

Entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021, a Biblioteca Hans Christian Andersen contava com seis profissionais concursados. Sendo eles:

- Duas bibliotecárias formadas, que exercem as funções de Bibliotecária Coordenadora e Bibliotecária Geral;
- Quatro funcionários com outras formações, que exercem as funções de Agente de Apoio e Assistente de Políticas Públicas.

Além deles, a Biblioteca também conta com um Monitor Cultural, uma Funcionária encarregada pela Limpeza e dois Vigias (antes da pandemia eram quatro Vigias, incluindo dois funcionários do turno da noite que não prestam mais serviços). Segundo dados da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, a biblioteca conta com um acervo de cerca de 30 mil obras, incluindo 801 livros de contos de fadas, um dos principais diferenciais do acervo. Embora tenha uma programação de eventos muito ligada ao público infantil, a biblioteca recebe frequentadores de todas as idades.

A tabela abaixo mostra alguns detalhes da rotina da biblioteca:

Tabela 1 – Frequência, Empréstimos e Eventos

ANO	Dias Abertos Atendimento Presencial	Frequenta- dores	Empréstimos Realizados	Contações (Presencial + Online)	Público nas Contações
2019	325	48150	8676	51	3539
2020	58	74596	3245	71	29939
2021	91	43475	1594	118	22761

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo

Os dados acima, disponibilizados pela prefeitura de São Paulo, consideram interações Online e Presenciais na contagem de “Frequentadores” e “Público nas Contações” nos anos de 2020 e 2021, o que explica o aumento observado.

A especialização em livros infantis fez com que a biblioteca se tornasse um centro de referência para essa temática, inclusive com a formação de profissionais. Desde 2008, a Hans Christian Andersen oferece um curso de formação de contadores de histórias, que gerou uma grande rede de contatos, já que até hoje muitos dos profissionais que realizam contações de histórias foram formados na própria instituição.

O curso é oferecido de forma gratuita e está disponível em módulos básico e avançado, sem exigir formação prévia dos interessados, mas com base em um critério de seleção que inclui a apresentação de uma carta de intenções para avaliar se os interessados têm o perfil adequado para a contação de histórias. Todos os formados recebem certificados

3.3 A ideia da infância e a ambientação da Biblioteca Infantil

A ideia de infância como a conhecemos hoje surge no Ocidente durante a Idade Moderna. A partir de então, a criança passa a ser vista como uma pessoa com necessidades específicas. É nesse período que se vê a necessidade de separação da criança do mundo adulto para o aprendizado da leitura e da escrita.

Amorim (2017, p. 33) menciona que o espaço que viria a suprir tal necessidade é o espaço educacional. Essa ideia de infância se estabiliza de forma mais rápida onde a instrução é valorizada e onde há escolas, de modo que leva aproximadamente dois séculos (XVI e XVII) para se consolidar. Segundo o autor, o interesse pela construção de bibliotecas em São Paulo remonta de 1930, quando houve um alargamento das práticas literárias e artísticas e o surgimento do Departamento de Cultura (AMORIM, 2017, p. 38).

O público infantil aparenta ser o mais complexo do ponto de vista dos serviços de informação, de forma a exigir mais cuidados e atenção da equipe da biblioteca por ser um cidadão que será moldado em função dos estímulos que recebe. Milanesi (2002) observa que a falta de preparo, principalmente com relação ao espaço físico para receber crianças e adolescentes, ajuda a tornar o local um símbolo de castigo e não de prazer.

A Biblioteca da qual estamos tratando se preocupou com a questão da ambientação ao público infantil e conta com um espaço atrativo para a leitura, que remete ao universo dos contos de fadas.

Figura 1 – Auditório da Biblioteca Hans Christian Andersen



Fonte: Gabriel Fernandes.

A entrada do auditório com a figura do sol, como vemos na imagem, conduz para um corredor no qual estão figuras e trechos dos contos do autor Hans Andersen.

Já a sala temática onde estão os livros de contos de fadas e literatura infantil têm formatos de castelos medievais, onde as crianças podem escolher livros para empréstimo.

Figura 2 – Sala Temática



Fonte: Cidade de São Paulo⁶.

Os pufes e banquinhos dispostos em círculo demonstram a preocupação em construir um espaço de interação entre as crianças.

Apesar da importância da ambientação para as crianças, o desafio a ser enfrentado atualmente não envolve o espaço em questão. O maior desafio atualmente diz respeito à pandemia que começou em 2020 e impediu que os diversos dispositivos culturais pudessem operar com segurança, de modo que foi necessário pensar alternativas que mantivessem proximidade com o público a que se destina.

3.4 A biblioteca pública voltada a leitores crianças

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) classifica as bibliotecas de acordo com suas funções e serviços, com a comunidade que atende e por seu vínculo institucional (AMORIM, 2017).

No caso da biblioteca pública, trata-se de uma instituição que atende a todos os públicos concernentes à comunidade na qual está inserida e obedece a preceitos estabelecidos no Manifesto IFLA/ UNESCO sobre bibliotecas públicas. Já a biblioteca pública temática possui acervos que oferecem atendimento especializado a um determinado público.

⁶ HISTÓRICO da Biblioteca Hans Christian Andersen. **Cidade de São Paulo**: Cultura, 31 jan. 2007. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_hanschristianandersen/index.php?p=151. Acesso em: 20 set. 2022.

A biblioteca Infanto-Juvenil Hans Christian Andersen corresponde a estas duas tipologias, sendo sua especialidade o público infantil.

3.5 A experiência da Biblioteca durante a pandemia

Frequentadora da Biblioteca Hans Christian Andersen na infância, a bibliotecária Elisangela Alves Silva é coordenadora da instituição desde 2015.

Em entrevista para este trabalho, ela relatou os principais desafios enfrentados pela biblioteca quando ocorreu o fechamento por tempo indeterminado de todas as bibliotecas municipais da cidade, seguindo a determinação de decreto assinado pelo governador do Estado de São Paulo em 21 de março de 2020, com a adoção da quarentena por motivos sanitários, visando evitar a disseminação do vírus causador da Covid-19.

Com o decreto, a Biblioteca Hans Christian Andersen passou a atender seu público de forma online após 16 de março de 2020 por xx meses, com empréstimos realizados a partir de contatos por e-mail e mensagens por redes sociais (com destaque para WhatsApp, Facebook e Instagram). A reabertura para atendimento presencial ocorreu apenas em agosto de 2021 (inicialmente sem abrir aos sábados, mas já em seis dias por semana a partir de setembro de 2021).

No caso das contações de histórias, já a partir do final de março de 2020 a biblioteca passou a disponibilizar a atividade de forma virtual. Inicialmente, as contações foram realizadas ao vivo na página do Facebook da biblioteca, com os vídeos ficando gravados e podendo ser acessados também posteriormente na própria página.

As contações foram realizadas de forma voluntária por colaboradores como os contadores que prestaram depoimentos para este trabalho (identificados no item 4).

De forma geral, os contadores participavam das lives diretamente de suas casas. Elisangela habitualmente iniciava os eventos, apresentando o contador e detalhando um pouco sobre a história que seria abordada. Então, era feita a contação e depois muitas vezes havia um tempo para que o contador interagisse com o público, lendo e respondendo comentários feitos durante as lives.

Com o crescente engajamento no Facebook, a biblioteca passou também a organizar lives no Instagram e pelo YouTube da biblioteca com auxílio do software de transmissão Streamyard.

As lives não se limitaram às contações de histórias e, com o tempo, a biblioteca passou a promover outros eventos virtuais como conversas entre bibliotecários para debater determinadas obras.

Outro evento virtual marcante ocorreu em abril de 2022 – quando, para celebrar o aniversário do patrono Hans Christian Andersen (nascido na Dinamarca em 2 de abril de 1805), a biblioteca realizou uma live com uma brasileira residente na Dinamarca que mostrou a casa onde o autor de histórias infantis viveu.

3.6 As contações de história antes e depois

A frequência de contações de histórias variou na Biblioteca Hans Christian Andersen no período pré-pandemia. Em meados de 2016, por exemplo, quando Elisangela começou a trabalhar na instituição, eram realizadas ao menos duas contações de história por dia de segunda a sexta-feira, atendendo às visitas de ônibus escolares e com lotações no auditório da biblioteca.

O auditório em questão comporta 165 pessoas sentadas, mas, segundo os relatos, muitas vezes tinha público estimado em 200 pessoas, considerando o público que ficava em pé (incluindo não apenas estudantes, mas também professores, além de pais e crianças da comunidade).

Embora notadamente o público-alvo das contações seja infantil, Elisangela chamou a atenção para a variedade de faixas etárias que acompanham as contações: as excursões de escola costumassem ser de turmas de estudantes entre 6 e 10 anos, mas já houve caso de públicos formados apenas por bebês e já estiveram presentes pessoas com perfis variados como mães grávidas e até idosos com mais de 90 anos.

Já em 2019, um ano antes o início da pandemia, o ritmo de contações já havia diminuído para um evento semanal (sempre presencial). Essa contação geralmente era apresentada para grupos de escolas que não só assistiam à história, mas também realizavam visitas monitoradas pela biblioteca. A equipe reduzida não permitia que esse tipo de evento ocorresse com mais frequência.

Em 2020, a pandemia forçou o início das primeiras contações virtuais de história da biblioteca, que no início foram esporádicas, mas depois passaram a ser semanais. O número de pessoas acompanhando as lives foi aumentando gradativamente conforme o serviço se tornou constante, chegando a

aproximadamente 100 pessoas acompanhando as lives simultaneamente no momento de maior engajamento.

Este número, naturalmente, não representa a totalidade das pessoas que acompanharam cada contação. Embora seja difícil precisar, a impressão de Elisângela e contadores que participaram das lives foi de que as contas de redes sociais logadas para acompanhar os eventos eram de adultos, mas que na maioria das vezes estavam acompanhados de crianças interessadas nas histórias.

Com a reabertura da biblioteca, a partir de 2021, voltaram as apresentações presenciais, mas para públicos reduzidos que foram aumentando gradativamente, acompanhando as melhoras de indicadores relacionados à pandemia.

No primeiro semestre de 2022 o auditório com capacidade para 165 pessoas já recebia cerca de 100 participantes, respeitando ainda algum distanciamento social.

Com a flexibilização das condições de distanciamento social, no início de 2022, a frequência de contações presenciais voltou a ser de ao menos uma por semana. No caso das contações virtuais, porém, o número declinou rapidamente assim que a biblioteca foi reaberta.

De acordo com as entrevistas realizadas, dois fatores principais explicam a redução drástica das contações virtuais no pós-pandemia:

- 1) a diminuição de participação do público, que passou a ficar menos em casa e ter menos disponibilidade para acompanhar contações de história por lives;
- 2) a equipe reduzida da biblioteca que, mais dedicada novamente à rotina de atividades presenciais passou a ter menos disponibilidade para promover lives virtuais de contação de histórias e outros serviços.

4 DEPOIMENTOS

Além da bibliotecária Elisangela, entrevistamos outros três profissionais contadores de história vinculados à biblioteca para ter uma visão ampla sobre a experiência de contação de história virtual, os impactos do uso das tecnologias para contações de história não-presenciais, perspectivas sobre a formação de contador de histórias e desafios e oportunidades futuros da área.

- Carlos Otelac, bibliotecário que atua desde 2008 na Biblioteca do Centro Educacional Unificado (CEU) São Mateus, na Zona Leste de São Paulo. Concluiu o curso de contadores da Biblioteca Hans Christian Andersen e participou de lives realizadas pela biblioteca durante a pandemia.
- Lúcia Bissoto, profissional formada em Administração, que realizou o curso de contadores da Biblioteca Hans Christian Andersen. Posteriormente buscou formação técnica de teatro e ofereceu contações de história tanto presenciais quanto virtuais da biblioteca.
- Paula Pagu, professora de sala de leitura, com formação em Letras, Pedagogia e Filosofia. Ela concluiu o curso de contadores da Biblioteca Hans Christian Andersen e realizou contações tanto de forma presencial no auditório da instituição quanto participou voluntariamente de lives de contação de histórias durante a pandemia. Desenvolveu também um canal de YouTube próprio para contação de histórias, que segue sendo atualizado.

4.1 Depoimentos: primeiras impressões sobre contações de história durante a pandemia

Realizar a contação de histórias de modo virtual pareceu, no início, uma experiência inusitada para todos os entrevistados.

Apesar do estranhamento, houve em todos uma motivação extra pelo entendimento de que a contação era, em tempos de pandemia, uma forma de trazer conforto às pessoas que atravessavam um momento conturbado com o isolamento social.

“As pessoas precisavam ser alimentadas por alguém falando com elas (durante a pandemia e isoladas em suas casas)”, pontuou Paula Pagu em seu depoimento.

Os contadores entrevistados frisaram o fato de a contação de histórias ser mais do que um instrumento educativo e lúdico para as crianças, mas também um lazer para os pais – afinal, acompanhando a narração de uma história, os adultos poderiam sempre passar um momento agradável com seus filhos e revisitar a criança interior de cada um.

No caso da pandemia, houve a impressão geral de que a impossibilidade de sair de casa limitou as opções educativas e sociabilizantes para as crianças (que se viram, repentinamente, impedidas de brincar com seus amigos na escola e diante de aulas a distância que, em geral, não estavam suficientemente adaptadas para serem bem aproveitadas).

Sendo assim, a contação de histórias ganhou um papel especial, de acordo com a visão geral dos entrevistados para este trabalho.

Foram mencionados diversos agradecimentos de pais, que viram seus filhos aproveitarem bem as contações, apesar de eventuais dificuldades técnicas e das limitações de formato.

O primeiro contato com as ferramentas digitais para realizar contação de história foi difícil para os profissionais. Entre os principais desafios listados estavam:

- Falta de conhecimento sobre plataformas para realizar transmissões ao vivo e falta de acesso a pacotes pagos que permitissem transmissões mais longas (por exemplo: foi necessário que os próprios bibliotecários comprassem uma licença do Zoom, já que a biblioteca não possuía conta para acesso à plataforma);
- Limitações quanto aos equipamentos (a Biblioteca Hans Christian Andersen não disponibilizou, por exemplo, celulares ou computadores próprios para a realização de lives – que, em geral, eram geridas pela bibliotecária-chefe Elisangela Silva a partir de seu celular pessoal, mesmo com problemas de espaço, memória e velocidade);
- Problemas de conexão de internet que causaram diversas instabilidades e quedas de transmissão;
- Problemas de áudio (por falta de microfone) e de iluminação (por falta de luz apropriada). Em alguns casos esses equipamentos foram

adquiridos pelos próprios profissionais ao longo das transmissões, com custeio próprio.

Com o passar dos meses, as dificuldades foram sendo superadas com maior conhecimento sobre as ferramentas ou aquisições de novos materiais. Gradativamente, o público também passou a se engajar e participar mais das transmissões.

4.2 Depoimentos: as vantagens e desvantagens da contação realizada por meios virtuais

Embora representem uma amostra pequena, os contadores de história entrevistados para este trabalho foram unânimes em considerar a contação de histórias presencial insubstituível e uma experiência mais rica que a contação por meios virtuais.

Uma prova dessa preferência (que também foi enfatizada pelo público das contações, conforme detalharemos no tópico 4.5) foi o fato de que, tão logo a pandemia arrefeceu e se tornou possível voltar a realizar contações de modo presencial – mesmo que com limitações de público e uso obrigatório de máscaras – a quantidade de lives caiu drasticamente (em muito por falta de interesse do público) e as contações presenciais voltaram com grande sucesso.

Com exceção da entrevistada Paula Pagu, que manteve um ritmo considerável de gravações de vídeos por ter criado um canal de YouTube sobre contação de histórias, os outros profissionais reduziram quase que totalmente a participação em experiências virtuais de contações de histórias após alguns meses do arrefecimento da pandemia.

Ainda assim, vantagens também foram apontadas para os meios virtuais e há a crença geral de que ele fará parte do cenário futuro, embora longe de ameaçar a predominância do presencial ao menos no curto prazo (considerando períodos normais que não exijam isolamento social por questões sanitárias, como ocorreu entre 2020 e 2021).

Na tabela abaixo estão resumidas algumas vantagens apontadas para o presencial e o virtual, de acordo com depoimentos dos entrevistados.

Quadro 1 – Vantagens das Contações de Histórias por meios virtuais (na visão dos contadores profissionais)

Vantagem apontada em entrevistas	Comentário
<p>Possibilita que a contação de histórias não deixe de acontecer, mesmo em períodos emergenciais</p>	<p>Os entrevistados acham improvável que a contação virtual possa superar a popularidade do formato presencial em condições normais – ao menos em um médio prazo, diante da preferência do público e até mesmo de fatores socioeconômicos, como a exclusão digital que ainda limita o acesso de muitas pessoas aos meios digitais no Brasil.</p> <p>Porém, todos consideraram que a contação virtual possa voltar a ser realizada em massa caso uma pandemia (ou qualquer outra situação extrema) volte a exigir distanciamento social entre a população.</p> <p>Todos foram gratos pelo fato de poderem seguir contando histórias durante a pandemia, ainda que as ferramentas disponíveis fossem incipientes em alguns aspectos.</p> <p>“As pessoas precisam ser alimentadas por alguém falando com elas durante a pandemia”, pontuou Paula Pagu.</p>
<p>Flexibilidade para o público</p>	<p>O fato de poder ser acompanhada de forma assíncrona e de qualquer lugar é um grande diferencial da contação de histórias virtual.</p> <p>“No online a pessoa pode acessar e assistir onde ela estiver, isso é muito produtivo”, comentou Paula Pagu, que,</p>

	<p>durante a pandemia, também deu aulas remotas que ficaram gravadas para que seus alunos pudessem assisti-las posteriormente e repetidas vezes se necessário.</p> <p>“Penso que devemos nos adequar às tecnologias para levar cultura e literatura do jeito que dá. Isso vale para contação de histórias, aula remota e para o meu canal de YouTube. Tive caso por exemplo de pessoas que não tinham acesso ao pacote de dados quando uma transmissão era feita, mas depois podiam assistir porque ficava gravado”.</p>
Flexibilidade para o contador	<p>Além do público, o contador de histórias também tem mais flexibilidade com a contação virtual, podendo trabalhar de qualquer lugar do mundo.</p> <p>“Você pode usar seu espaço onde você estiver e transmitir uma contação”, destaca Paula Pagu.</p>
Maior alcance	<p>Mais do que poderem trabalhar de qualquer lugar, os contadores de história também viram seus trabalhos sendo amplificados com a contação virtual, chegando a públicos maiores e permanecendo acessíveis para a posteridade (enquanto no presencial a contação ficava limitada às pessoas presentes em um determinado local durante um determinado momento).</p> <p>“(Uma coisa boa do virtual foi) fazer contações que ficaram gravadas para</p>

	<p>peessoas que você não tem nem a mínima ideia de quem são, mas que podem valorizar seu trabalho. Seja ao vivo e gravado, o seu trabalho chega a mais pessoas”, comentou Lúcia Bissoto. Carlos Otelac também mencionou esta vantagem: “o online é amplo, democrático – atinge pessoas de outros estados e países”.</p>
Divulga a biblioteca	<p>Além de aumentar o alcance do trabalho do contador, o virtual também permitiu que o nome da biblioteca chegasse a outros lugares.</p> <p>“(Com o virtual foi possível) alcançar pessoas que de outro modo não alcançaríamos, tornando a biblioteca conhecida em outros lugares”, comentou Elisangela Silva.</p> <p>“(Durante as contações virtuais) tivemos interação com públicos até de outros países”, salientou a bibliotecária, que citou o caso de um bibliotecário de Osasco que, após acompanhar as lives virtuais da Biblioteca Hans Christian Andersen durante a pandemia, decidiu visitar a instituição no presencial quando houve a reabertura.</p>
Imaginativo / A potência do “contador caseiro”	<p>Outro ponto positivo apontado das experiências virtuais foi a utilização de elementos caseiros que algumas vezes já deixaram de ser utilizados nas contações presenciais, onde adereços ganham cada vez mais espaço.</p>

	<p>“O texto (da história) tem que ser o principal, no presencial, remoto ou virtual. O adereço não pode ser mais forte”, observa Paula Pagu, que viu durante a pandemia contadores recorrerem a objetos de suas casas para ilustrar as contações – o que, de forma involuntária ou proposital, sempre pode enriquecer a experiência, por torná-la mais imaginativa.</p> <p>“Claro que não sou contra quem usa fantoches, por exemplo, mas gosto de trabalhar materiais não estruturados. Ou seja, em vez de fantoche, gosto de usar uma colher de pau para ser um boneco ou um pegador de salada para ser um lobo e um desodorante para ser um dragão. Assim estimulo o público a pensar, desperto a imaginação”, conta Pagu.</p> <p>A contadora acha importante que sejam utilizados recursos para que o público não fique passivo – seja com instrumentos que instigam o imaginário ou pedindo depois para que as crianças recontem a história de alguma maneira ou produzam personagens iguais aos da história com algum artefato.</p> <p>Embora todas essas práticas não sejam limitadas ao virtual ou ao presencial, alguns contadores notaram que o fato de gravar contações de casa os levaram ao uso desses recursos mais criativos – o</p>
--	---

	que, de certa forma, fez a contação resgatar um pouco de suas origens ancestrais, com adereços mais improvisados, e traz benefícios para o público.
Adaptação ao futuro	<p>Da mesma forma que a contação virtual retomou o passado de certa forma, é também inegável que ela traz diversos elementos do presente e do futuro para a atividade – e isso traz aspectos positivos.</p> <p>“Contação é a chave da humanidade, desde desenhos rupestres. Agora, claro que teria que se adaptar ao digital e ir se adaptando às linguagens e ferramentas mais atuais”, diz Paula Pagu.</p> <p>Alguns contadores entendem que para disputar atenção com outras distrações modernas como o vídeo-game, é importante que a contação tenha também a versão virtual.</p>
Nostalgia da TV	<p>Enquanto as contações virtuais permitem ao público infantil ter algumas de suas primeiras experiências com contações de histórias, seja em lives ou vídeos gravados nas plataformas e redes sociais, algumas pessoas mais velhas (como os próprios contadores) sentem que a nova prática gera um elo afetivo com as histórias que antes eram muito exibidas na TV aberta.</p> <p>“Sou cria do ‘Rá-Tim-Bum’, sinto falta daquelas contações. Hoje tem menos na</p>

	TV e é bom que tenha força na internet”, comenta Paula Pagu.
Múltiplas redes	<p>Se é verdade que décadas antes já era comum ver contações de histórias gravadas (ou algumas vezes até ao vivo) na televisão, um fator que diferencia o novo momento são as múltiplas plataformas.</p> <p>Em um mundo de múltiplas redes sociais, cada uma delas pode oferecer um formato diferente e novas opções para as contações de histórias.</p> <p>Até o momento os preferidos dos contadores têm sido o Instagram e o Facebook (sobretudo para lives) e o YouTube (para conteúdos que ficam gravados em seus canais).</p> <p>O TikTok, porém, com vídeos mais curtos, já surge como uma opção interessante – e a tendência é que diversas novas opções surjam nos próximos anos.</p> <p>“Estou me aventurando no TikTok também com histórias curtinhas. É mais um lugar para atrair público e é gostoso testar novos formatos, sempre sem perder a qualidade e lembrando que a tecnologia não pode ser maior que o meu trabalho de contação”, salienta Paula Pagu.</p>
Podcast - Sensorial	As possibilidades vão muito além dos meios digitais que trabalham com vídeos. Os podcasts, explorando apenas

	<p>recursos auditivos, são outro meio interessante para atingir grandes públicos.</p> <p>“Já fiz contação por áudio. Parece folhetins antigos e dá para usar mais elementos sensoriais, simulando o barulho de chuva por exemplo”, relata Paula Pagu.</p> <p>Muitas vezes também os vídeos podem ser transformados em podcasts, fazendo com que um conteúdo possa ser utilizado em ainda mais plataformas e formatos.</p>
Menos exigência de voz	<p>A voz é certamente um elemento central da contação de história, que exige muito do profissional e traz muito valor quando bem trabalhada.</p> <p>Em ambos os casos, tanto no virtual quanto no presencial, um microfone pode ajudar o contador a amplificar a sua voz – mas alguns contadores apontam uma vantagem do virtual neste quesito, por exigir menos da voz para gerar um bom resultado.</p> <p>“No presencial há o grande desafio de trabalhar a voz para ressonar. No virtual estamos gravando para uma câmera e isso facilita”, aponta Lúcia Bissoto.</p> <p>Embora a técnica da voz seja sempre importante de ser trabalhada, o fato de poupá-la no virtual pode trazer benefícios ao contador em sua atividade ao longo prazo.</p>

Concentração	<p>Além de permitir que a voz seja poupada em algumas ocasiões, o virtual também permite maior concentração ao contador, por não haver interrupções.</p> <p>“A interatividade do presencial é ótima e insubstituível, eu adoro. Mas claro que isso às vezes pode fazer o contador perder o foco”, reconhece Carlos Otelac.</p> <p>“Por outro lado no virtual você não tem interrupções”, compara.</p> <p>De forma geral os contadores entrevistados não trocam a experiência do presencial pela do virtual por fatores como menos desgaste da voz e maior facilidade de se concentrar – afinal, eles consideram que os pontos positivos do contato humano compensam essas dificuldades.</p> <p>No entanto, é interessante notar que esses aspectos podem ajudar na evolução do contador e no preparo.</p> <p>Se considerarmos que há mais facilidades, o virtual pode às vezes ser um laboratório para que um contador iniciante, por exemplo, tenha algumas experiências antes de realizar sua atividade para um público.</p>
Praticidade	<p>“Praticidade” é a palavra que melhor define a contação virtual para Carlos Otelac.</p> <p>E essa praticidade está presente em vários dos aspectos já mencionados</p>

	<p>aqui: o público pode assistir quando e onde quiser, o contador pode trabalhar quando e de onde quiser e a contação pode ser disponibilizada quando e onde for mais interessante (em múltiplas plataformas de redes sociais, por exemplo).</p>
--	--

Fonte:

Quadro 2 – Vantagens das Contações de Histórias presenciais (na visão dos contadores profissionais)

Vantagem apontada em entrevistas	Comentário
“Calor humano”	<p>A expressão “calor humano” foi a mais utilizada ao se referir às vantagens da contação de histórias presencial.</p> <p>“Nada como olho no olho, cheiro, efeitos e saber quem está do outro lado”, detalhou a bibliotecária Elisangela Silva ao comentar o que mais faz falta quando uma contação é feita virtualmente.</p> <p>“O virtual e o presencial são experiências muito diferentes. Quem tem formação presencial e migrou para o virtual sentiu muita falta. É muito importante o calor humano, olhar na cara do público e ter o olho no olho. O bom contador de histórias gosta disso”, diz Carlos Otelac.</p>
Conectividade	<p>Ao olhar para seu público e ter uma experiência sensorial que só o presencial pode proporcionar, os contadores também destacaram a “conectividade” como um ponto positivo.</p> <p>“No presencial você tem conectividade – ou seja, tem interação com o público,</p>

	<p>que pode fazer um comentário e interagir olhando no seu olho. Isso pode até mudar alguma coisa da contação que você ia fazer, para melhor”, comentou Lúcia Bissoto.</p> <p>“Se você percebe que o público está desanimado ou quieto, pode mudar algo. Isso o virtual não permite. Falta conectividade com as pessoas”, acrescentou a contadora.</p>
Feedbacks do público	<p>Além de não ter conectividade com seus espectadores, no virtual os contadores também tinham grande dificuldade de receber feedbacks sobre o trabalho.</p> <p>Por mais que as redes sociais permitam comentários por escrito, os profissionais veem essa forma de comunicação como “fria”. E o problema é pior quando o objetivo é ter o feedback de crianças sobre o que estão achando de uma contação.</p> <p>“Sabíamos que as crianças assistiam às contações com um adulto junto. E podiam pedir para o adulto escrever uma mensagem para o contador, mas não era a mesma coisa”, afirma Elisangela Silva.</p> <p>“Isso é ruim no online. Você não sabe o que tem do outro lado. Podem até usar emojis, mandar um ‘coraçãozinho’, mas as mensagens não são tão naturais quanto uma fala ou olhar no ao vivo. E algumas vezes não conseguimos saber quem de fato está mandando aquilo”.</p>

<p>Falta de aplauso</p>	<p>Entre os feedbacks, faz falta o aplauso, que costuma encerrar uma contação presencial.</p> <p>“No virtual às vezes subiam vários ‘coraçõezinhos’ depois da contação, mas não sabíamos quem estava exatamente por trás, se era o público ou o marido de alguém que estava apresentando, por exemplo. No presencial você vê quem te aplaudiu”, pondera Elisangela Silva.</p> <p>E, mais do que o problema não ver quem está aprovando a contação, o simples som do aplauso também faz falta.</p> <p>“A experiência de se apresentar para um público é inigualável. É emocionante também perceber a receptividade do público virtual. É bonito ver comentários elogiosos ou emojis aparecendo, mas é triste por não existir aplauso. O artista precisa de aplauso, precisa do eco”, aponta Carlos Otelac.</p>
<p>Concentração do contador</p>	<p>A maior facilidade do contador em se concentrar foi apontada em alguns momentos como uma vantagem do virtual, porém foram colhidos também relatos sobre o efeito oposto se o contador fizer questão de notar as reações do público.</p> <p>“No virtual você tem que olhar para a câmera e ficam surgindo comentários ao mesmo tempo. Isso pode desconcentrar</p>

	se quiser acompanhar. No presencial é mais fácil se atentar às reações do público sem se desconcentrar”, conta Lúcia Bissoto.
Adereços	<p>Outro ponto que foi apontado tanto como positivo quanto negativo passa pelos adereços.</p> <p>“No virtual muitos adereços podem tirar a atenção. É uma pequena tela para mostrar tudo. Já no virtual há mais espaço, uma visão mais ampla e dá para utilizar diversos adereços interessantes”, disse Paula Pagu.</p>
Cenário mais rico	<p>Além dos adereços, o cenário também pode ganhar muito com a amplitude do presencial.</p> <p>“No virtual até podemos inserir efeitos tecnológicos, mas é difícil competir com um belo cenário de verdade. Além disso, no virtual também podem aparecer coisas da sua casa que não deveriam fazer parte do cenário. É sempre um risco”, afirma Carlos Otelac.</p>
Menos dependência de recursos tecnológicos	<p>Os “problemas técnicos” sempre podem ocorrer nas contações virtuais – com possíveis problemas de internet, iluminação, áudio, etc.</p> <p>E problemas de conexão, por exemplo, podem ocorrer tanto para o contador quanto para o seu público. Situações adversas que não ocorrem tão fortemente no presencial.</p>

	<p>“É muito complicado produzir um vídeo. A preparação vai além da contação e é preciso pensar na luz, no microfone, muitos desafios. E depois ainda poderia haver um problema de conexão, são problemas que por mais que nos preparemos sempre podem ocorrer”, apontou Lúcia Bissoto.</p> <p>Elisangela Silva lembra uma lista de problemas tecnológicos que ocorreram nas lives da biblioteca durante a pandemia: “teve transmissão prejudicada porque a internet da minha casa não funcionou, teve bate-papo que a minha voz ficou robotizada. Só para citar alguns dos problemas”.</p>
Falta de recursos das bibliotecas para os meios digitais	<p>Muito além dos problemas de conexão, a experiência na pandemia mostrou que há também falta de equipamentos nas bibliotecas para realizar contações virtuais da melhor forma.</p> <p>“A biblioteca foi pega de surpresa com a pandemia e não tínhamos equipamentos para trabalhar de casa. E realizar as lives era pior, precisei usar o meu próprio celular e a equipe tivemos que correr atrás de tudo que era necessário”, lembra Elisangela Silva.</p>
Problemas de privacidade	<p>Outro problema do uso dos meios tecnológicos passa pela privacidade dos profissionais envolvidos – uma vez que os meios digitais exigem contas e senhas.</p>

	<p>“Pra realizar as lives tive que passar a senha do Facebook da biblioteca e incluir certas pessoas como editoras da página, não estávamos preparados”, conta Elisangela Silva.</p>
Exclusão geracional do virtual	<p>Se o virtual soa natural para públicos mais jovens, ainda há uma grande dificuldade das gerações mais velhas para se adaptar aos novos formatos. E isso foi muito sentido na pandemia.</p> <p>“Um problema da nossa experiência na Biblioteca Hans Christian Andersen foi o fato da nossa equipe ser envelhecida. Temos bibliotecários que atuam na área há 50 anos e para eles é muito difícil se adaptar. Nem eu dominava redes sociais e meios digitais quanto a pandemia começou, imagine eles”, contou Elisangela Silva.</p> <p>“E por isso eu fiquei sobrecarregada cuidando dos meios digitais. Algumas pessoas mais velhas sentem muita dificuldade para trabalhar com isso”.</p>
Dinamismo para novas contações	<p>O fato das contações poderem ficar gravadas foi muitas vezes visto como uma vantagem do virtual. Porém, essa característica pode ser interpretada como desvantagem quando ocorrem erros.</p> <p>“Aquilo vai ficar. Então se você comete um erro na contação, depois fica revendo e isso é ruim. Às vezes há a preocupação de refazer, o que deixa</p>

	<p>menos espontâneo. Mas uma gravação pode ficar para sempre”, comenta Lúcia Bissoto.</p> <p>Por um lado as gravações permitem que uma história contada uma única vez seja replicada infinitas vezes (o que permite que mais histórias sejam contadas). No entanto, os contadores em geral gostam de contar a mesma história mais de uma vez – às vezes mudando alguns detalhes nos diferentes momentos.</p> <p>“Essa é uma diferença importante entre o teatro e a contação de história. No teatro você não faz todas as peças iguais, claro que não, mas ensaia para tentar falar sempre da mesma maneira. Já na contação você pode contar a história cada vez de um jeito. E isso é bom, é diferente contar para uma criança de uma idade ou outra. No vídeo não há esse dinamismo, você não sabe quem é seu público e tenta fazer algo neutro que vai se repetir várias vezes”, explana Lúcia Bissoto.</p>
<p>Improvisos</p>	<p>Parte do dinamismo é o improviso, que fica mais limitado no virtual – ainda mais depois que o conteúdo já foi gravado, quando é impossível realizar novas mudanças.</p> <p>“Uma contação não se faz com fórmulas. Não podemos ficar presos e o bom contador tem que beber do improviso. Cada reação das pessoas que estão à</p>

	<p>nossa volta deve influenciar o trabalho que estamos fazendo. A experiência do contador de história é construída com o público”, lembra Calos Otelac.</p> <p>“Não existe contação de história sem improviso e depois que algo fica gravado, isso de certa forma se perde”, completa.</p>
--	--

Fonte:

4.3 Depoimentos: a visão do público que acompanhou as contações de história

Os depoimentos dos profissionais contadores de histórias trouxeram muitos elementos para a discussão sobre os prós e contras dos formatos presencial e virtual, mas outra visão de suma importância para essa discussão é a do público.

No caso estudado as contações de histórias, de forma geral, são voltadas ao público infantil, dada a especialização da Biblioteca Municipal Hans Christian Andersen em contos de fadas.

Dessa forma, este trabalho entrevistou duas mães de crianças que acompanharam contações de histórias na biblioteca tanto de forma presencial (no período pré-pandemia e após a volta ao presencial) quanto por meios digitais (durante o período de isolamento social):

- Silvana dos Santos, ex-auxiliar de escritório, que reside no bairro do Tatuapé há quase duas décadas levou seu filho mais velho (Gabriel), hoje com 23 anos, para contações de histórias na biblioteca em meados de 2010. E agora leva a sua filha mais nova (Júlia), de 12 anos, para acompanhar contações (incluindo diversas apresentações presenciais antes da pandemia e contações semanais nas lives da biblioteca durante o período de fechamento);
- Lucileine do Carmo, auxiliar administrativa também residente no bairro, que frequentou a biblioteca quando criança nos anos 1980 e atualmente acompanha contações de histórias com seu filho de 9 anos, Rafael, além de amigos da mesma faixa etária que eventualmente o acompanham.

As duas mães frequentam a biblioteca há décadas e acompanharam toda a evolução da atividade de contações de histórias. Lucileine do Carmo, que foi na mesma biblioteca ainda criança, conta que nos anos 1980 já havia contação de histórias, “mas não como agora. E já mudou bastante, antes além de terem menos contações eram menos temas. Hoje usam também mais recursos, trazem músicas e objetos, antes quase não tinha”.

Ambas adoram levar crianças para acompanharem as contações e acham ótimos os períodos em que a biblioteca também oferece contações aos finais de semana. “É um programa muito bom. Eu sempre tento ir em tudo, tem gente que acha que se vai na biblioteca só para ler livro e é muito mais que isso: tem contação de histórias, cinema, teatro, um monte de coisa que faz a criança aprender e se divertir”, comenta Silvana dos Santos.

“A biblioteca é um parque de diversões. A criança vai lá e pode andar, brincar, se movimentar, aí pegar um livro e parar um pouco para ler, mas depois brincar mais. Nunca é parado, por isso gosto de levar a minha filha, levava meu filho antes e adoro ver filhos de amigos lá também. Fico até tristes que outras crianças da escola da minha filha não vão tanto na biblioteca. É muita coisa para fazer”, descreve.

Envolvidos na biblioteca desde muito cedo, os filhos das duas participam do programa Piá (Programa de Iniciação Artística), que leva atividades envolvendo dança, música, teatro, literatura e artes visuais para as crianças. Essas iniciativas, além das contações, são uma maneira bem-sucedida de fazer com que elas passem muitas horas semanais na biblioteca e desenvolvam uma forte identificação com a instituição.

“Brinco que a minha filha é filha também da biblioteca. Ela quer sempre estar lá, pegando um livro, participando de alguma atividade ou assistindo a alguma contação. Foi uma tristeza muito grande quando fechou e uma alegria só quando reabriu. Quando fechou, as lives foram pelo menos um jeito de manter contato”, relembra Silvana dos Santos.

De forma geral, as duas mães entrevistadas, que têm contato com outras crianças além de seus filhos e amplamente inseridas na cultura da biblioteca, comentaram que as crianças, mesmo acompanhando lives e vídeos gravados durante a pandemia, em nenhum momento sentiram motivação semelhante à que experimentam quando uma contação presencial é realizada.

As duas entrevistadas acompanhavam regularmente as contações de histórias presenciais antes da pandemia e mantiveram o ritmo no virtual, para não deixar de expor seus filhos a essa atividade. Porém, tão logo a biblioteca voltou a disponibilizar contações presenciais, as duas contam que elas e seus filhos se desinteressaram pelo virtual e imediatamente optaram só pelo presencial.

No quadro abaixo listamos algumas impressões colhidas dos depoimentos das duas sobre como foi a experiência das contações digitais e como ela pode ser comparada com as contações presenciais.

Quadro 3 – Impressões sobre as contações de histórias por meios digitais em comparação com as contações de histórias presenciais (na visão de adultos que acompanharam crianças nos dois formatos)

<p>Vontade maior de ler o livro no presencial</p>	<p>Uma das consequências positivas da contação de histórias é fazer com que as crianças tenham interesse em depois ler os livros originais.</p> <p>Para as mães ouvidas, o digital não conseguia despertar o mesmo interesse que o presencial nesses casos (embora o contexto da pandemia e o longo período em casa, sem socializar com outras crianças, devam ser levados em conta para explicar o desinteresse da criança por determinadas atividades).</p> <p>“São muito diferentes (os dois formatos de contações). No presencial o meu filho queria interagir com o contador, fazer várias perguntas e sempre queria o livro depois. No virtual ele assistia a história e não se animava tanto para fazer alguma pergunta, daí também não mostrava que queria ler o livro. Ele gostava, mas bem menos motivado, acho que a internet</p>
--	--

	não prende tanto a atenção”, comenta Lucileine.
Contato diferente com contadores	<p>Por mais que haja como interagir com os contadores no virtual, por comentários, falas de câmera aberta e até enviando emojis em alguns casos, as crianças em geral não acham esse contato tão valioso quanto é no presencial.</p> <p>No caso da Biblioteca Hans Christian Andersen, pensando na importância da interação até foram realizadas “entrevistas” de contadores e autores de livros por crianças durante a pandemia, para que mais do que ouvir histórias elas pudessem conversar sobre o que quisessem com os artistas.</p> <p>Embora tenham gostado da iniciativa, as mães acharam que no presencial a interação é sempre mais proveitosa.</p> <p>“A minha filha participou de entrevistas com autores. Achei muito legal, mas na verdade ela não se empolgou tanto. Participávamos de tudo, estávamos carentes na pandemia, mas não era a mesma coisa. Ficava faltando aquela empolgação dela de ir até a biblioteca e ver as pessoas, conversar”, aponta Silvana.</p>
Vontade de aplaudir “de verdade”	<p>Assim como os contadores sentiram falta de aplausos tradicionais, o público relatou o mesmo problema.</p> <p>“Eu até mandava comentários. Minha filha pedia e eu mandava ou eu mesmo</p>

	<p>queria mandar às vezes por gostar do contador. Mas é muito diferente estar ali e aplaudir. É muito melhor. Até mesmo depois da pandemia, de máscara, a pessoa que conta a história consegue ver que você está sorrindo e que gostou, sente o aplauso. Na internet não é assim”, compara Silvana.</p>
Interação com funcionários da biblioteca	<p>Além de interagir com os contadores, as crianças também sentiram falta do contato com os profissionais da biblioteca, com quem tinham muitas limitações para conversar por meio virtuais.</p> <p>“A minha filha adora as meninas da biblioteca, cresceu lá. Adora falar com elas antes e depois das contações, acho que é uma parte da contação que ela gosta também. No virtual ela sabe que a bibliotecária está junto e que pode mandar mensagem, mas não é a mesma coisa”, relata Silvana dos Santos.</p>
Dispositivos influenciam na experiência no virtual	<p>Uma diferença da contação virtual é que ela pode ser acompanhada por diferentes dispositivos, como celular, computador ou tablet.</p> <p>No caso das contações de história deste estudo de caso, as mães viram seus filhos acompanhando as atividades especialmente por celulares, o que prejudicava também o interesse.</p> <p>“Via (as contações) no celular. Aí é uma tela pequena, não dá tanta vontade de</p>

	<p>interagir. A gente nunca mandou um comentário”, relata Lucileine, que assistia às contações junto com seu filho na pandemia.</p> <p>Já Silvana conta que sua filha tinha a opção do tablet, mas via as contações no celular por não se adaptar com o outro aparelho.</p> <p>“A escola deu tablet e a gente via aula e contação no celular ou tablet. Mas ela achava estranho, queria ver no celular. E aí é muito pequeno, fica ruim de acompanhar as contações de histórias mesmo, prejudica.</p>
Problemas técnicos podem atrapalhar muito o público no virtual	<p>Um dos grandes problemas relatados pelas duas mães se referem aos aspectos técnicos que atrapalhavam as lives – seja por problema da biblioteca ou da própria casa.</p> <p>“O pessoal da biblioteca se esforçou e as contações melhoraram muito ao longo da pandemia, mas muitas vezes tinha problema de áudio lá e ficava ruim de entender algumas coisas”, lembra Lucileine. “E outras vezes a nossa internet que caía também, aí não dava para ver até o fim”, acrescenta.</p>
Estrutura da biblioteca para outras atividades	<p>Entre as vantagens do presencial, as mães entrevistadas mencionaram a possibilidade de realizar outras atividades paralelas com o apoio da equipe da biblioteca.</p>

	<p>Um exemplo, citado por Lucileine, foram contações em que as crianças e pais podiam mexer em bonecos de pano enquanto uma história era narrada.</p> <p>“Até eu me divertia nessas contações presenciais, lembro da gente montando bonecos enquanto a história era contada. São coisas que a biblioteca permite, em casa não dava”, explica.</p> <p>“Daquele jeito a gente mergulhava na história e ainda ganhava presente, tenho bonecos guardados. (No virtual) não dá para fazer essas outras coisas que só dá na biblioteca”.</p>
<p>Ensino remoto com contações virtuais se tornavam cansativos</p>	<p>Um fator da pandemia que pode ter gerado desinteresse nas crianças nas contações virtuais era o excesso de horas expostos a conteúdos educativos nas telas de seus dispositivos.</p> <p>Por mais que crianças tendam cada vez mais a se acostumar a longos contatos com telas de celulares e computadores, na visão das mães a pandemia mostrou que há um limite.</p> <p>Lucileine lembra que seu filho sempre estava cansado depois das aulas virtuais, diferentemente de como saía das aulas presenciais. Ela acredita que esse era um fator para que ele já estivesse desmotivado quando no final da tarde se sentassem para assistir a uma contação on-line juntos.</p>

	<p>“Meu filho gosta de ouvir histórias e aceitava ver, ficava até o fim. Mas era muito cansativo tanta coisa feita por tela. O que ele queria mesmo era interagir com outras crianças, dar uma volta no quarteirão. Então era difícil se interessar tanto, apesar da biblioteca ter trazido muita coisa legal”, comenta.</p> <p>No caso da filha de Silvana, o cansaço foi parecido. “Ela fazia até ballet online na pandemia, estava cansada e quando tinha contação parecia a mesma coisa que já tinha feito o dia todo, ficado na tela. Estava cansada e não tinha tanto interesse”.</p>
As “telas” não funcionam para tudo	<p>Além da aula on-line antes da contação deixar a criança cansada, as mães consideraram que as crianças não se interessam da mesma forma por contações de histórias no celular como se interessam por jogos, desenhos e outras coisas.</p> <p>“Essas gerações gostam muito de telas, querem telas o dia todo”, diz Silvana, que já tem uma filha de 12 anos. “Mas acho que as telas não são para tudo, para várias coisas elas preferem pelas telas sim, mas para contação não”.</p>
O “calor humano” muda tudo	<p>Assim como nas entrevistas com os contadores, a expressão “calor humano” também foi constantemente utilizada pelas mães, que sentiram falta (e consideraram que seus filhos também</p>

	<p>sentiram) de olhar nos olhos dos contadores, ouvir sua respiração e mesmo sentir a energia do local.</p> <p>“Tudo é muito melhor no presencial. Contação de história, escola e até culto da igreja. A gente foi pro virtual porque não tinha jeito, mas assim que deu nós voltamos e é bem melhor”, afirma Lucileine.</p>
Maior concentração no presencial	<p>As distrações que existem em casa dificultam uma criança ou até mesmo um adulto acompanhar uma contação virtual da mesma forma que assistiria no presencial, segundo as mães.</p> <p>“No presencial você sabe que é um momento único, é o aqui e agora. Aí você se concentra, vive aquele momento. No digital sempre dispersa, você está em casa, aquilo vai ficar gravado. Então você não vê da mesma forma”, opina Silvana.</p>
A grande vantagem do virtual é ficar gravado	<p>Entrevistadas com a biblioteca já reaberta, as duas mães demonstraram pouca disposição delas próprias e de seus filhos para voltarem a assistir contações ao vivo pela internet se houver a opção do presencial em paralelo.</p> <p>A grande vantagem que elas veem é o fato de os meios digitais permitirem que as histórias fiquem gravadas para serem assistidas quando quiserem.</p>

	<p>“Uma vantagem é quando a história fica gravada. Aí tudo bem, um dia seu filho quer assistir a não tem nada na biblioteca, aí ele se motiva”, exemplifica Lucileine.</p>
--	--

Fonte:

4.4 Depoimentos: os requisitos para que bibliotecários atuem com contação de histórias

A atividade de Contação de Histórias já é regularizada em certos níveis, tanto que existe a figura jurídica do Microempreendedor Individual (MEI) que se caracteriza como “Humorista e Contador de Histórias Independente” (Código 9001-9/01).

O mercado, porém, não exige uma graduação específica para a atuação. O que existem são diversos cursos de especialização em contação de histórias que oferecem certificados e são considerados muito importantes tanto por profissionais quanto empregadores.

Entre eles, está o tradicional curso oferecido pela Biblioteca Hans Christian Andersen, que, em níveis que vão do básico ao avançado, ensina diversas técnicas de narração, comportamento corporal, interpretação, estrutura das histórias, etc.

A questão que se apresenta é o fato de o curso ser oferecido por uma biblioteca e ter uma minoria de alunos bibliotecários, sendo a maioria dos alunos atores. Para entender essa tendência, este trabalho questionou os entrevistados sobre as habilidades necessárias para ser um contador de histórias e quais as possibilidades do profissional bibliotecário nesse meio.

Paula Pagu, que tem graduações em letras, pedagogia, filosofia e psicanálise, considera a parte cênica central para as contações de histórias, então acredita que ter uma experiência prévia como ator (seja com faculdade de artes cênicas, curso de teatro ou vasta atuação em apresentações artísticas) seja um diferencial.

“Ser ator ajuda muito (para ser um contador de histórias), ter noção de palco e voz. Mas não acho que o contador necessariamente precise ser um ator, só precisa buscar técnicas que os atores possuem. Então bibliotecários podem ser contadores também, há bibliotecários muito bons que podem correr atrás de aprimorar certas

habilidades e atuar assim. Ser contador é um eterno estudar”, diz Paula Pagu em seu depoimento.

Carlos Otelac, como bibliotecário que fez o curso da Hans Christian Andersen e hoje tem a contação de histórias como parte importante de suas funções, embora não tenha deixado de realizar diversas outras atividades da rotina da biblioteca em que atua, tem visão semelhante.

“Atores chegaram primeiro. Por muito tempo a contação em bibliotecas era feita por atores e os bibliotecários apenas gerenciavam e contratavam. E dá para entender, ator trabalha voz e corpo, tem noção de cenário... que são recursos indispensáveis para a contação. Mas, os bibliotecários estão cada vez mais querendo realizar as contações também e é um campo em aberto”, comenta. Para Carlos, o bibliotecário que deseja contar histórias não tem que ser um ator, mas tem que buscar ser um comunicador e saber usar a voz. A biblioteconomia está na área da comunicação”.

Elisangela Silva, outra bibliotecária entrevistada neste trabalho, diz que já contou histórias “quebrando um galho”, além de ter feito mediações de leitura com mais frequência. Para ela, as duas atividades são “difíceis” para um bibliotecário por exigirem preparo e serem muito performáticas.

“(Essas atividades) exigem um estudo que é difícil conciliar com a biblioteca. Prefiro fazer a ponte entre a biblioteca e os profissionais. Mas, claro que bibliotecários podem trabalhar nessa área. Alguns bibliotecários procuram os cursos de formação para contadores e há vários caminhos para estudar e se profissionalizar. Porém, acho que para atores é mais fácil”, avalia.

Lúcia Bissoto segue a mesma linha e procurou formação em teatro para se desenvolver nas contações. “Como contadora de histórias senti falta de técnicas para voz e corpo. Então fiz curso técnico de teatro, que infelizmente teve que ser online durante a pandemia, mas me ajudou muito”.

4.5 Depoimentos: as perspectivas futuras para a contação de histórias no ambiente virtual

A impressão unânime, tanto do público quanto dos profissionais contadores de histórias e da diretora da biblioteca, é que, em um cenário normal que permita contações de histórias presenciais, essa modalidade naturalmente será dominante em relação ao online.

“(Quando a biblioteca retornou as contações presenciais) caiu muito o número de pessoas que acompanhavam as contações online. Não ficou viável manter naquele ritmo. Então optamos por reduzir bastante as atividades digitais. Até fazemos lives, mas em datas especiais, e algumas mediações de leituras também ainda acontecem, mas em ritmo menor”, constata Elisangela Silva.

“Logo que reabriu ainda havia muito receio das pessoas voltarem, mas isso foi diminuindo e gradualmente o público do presencial foi ficando maior que o online. Claro que as pessoas têm outra rotina agora, não ficam mais tanto em casa e não conseguem acompanhar as contações online como era antes, mas acredito que mais do que isso o público prefira mesmo o presencial”, acrescentou a bibliotecária-chefe da Hans Christian Andersen.

A impressão de Elisangela Silva coincide com o que foi relatado pelas duas frequentadoras entrevistadas. Tanto Silvana dos Santos, quanto Lucileine do Carmo, sentiam falta do presencial durante o virtual e não se imaginam acompanhando lives regularmente pela internet se houver disponibilidade de contações presenciais.

Os contadores de histórias sentem o mesmo. Todos viram a experiência da pandemia como muito positiva por apresentar o online como uma possibilidade, mas imaginam que o presencial não possa ser substituído – no máximo o online tende a servir de forma complementar, para ocasionalmente realizar transmissões de contações presenciais com maior alcance e fazer com que o conteúdo permaneça gravado.

“O presencial vai dominar por muito tempo ainda, mas o vídeo veio para ficar também. É legal gravar tudo e deixar disponibilizado para quem não tem condições de estar no local, assim levamos a contação para lugares distantes. Então o que vejo no futuro são o presencial e o digital se complementando: o público querendo ter o presencial, mas os contadores gravando também suas apresentações e se preocupando em disponibilizar isso no digital com mais frequência”, analisa Lúcia Bissoto.

“O online é amplo e democrático, atinge pessoas de outros estados e países. Mas, o presencial ainda se impõe, basta ver que quando foi possível sair de casa a escolha do público pelo presencial foi muito forte. É verdade que ainda é o momento de retorno e poderemos observar depois de mais tempo se o online não vai voltar a ter alguma relevância, alguns aspectos são bons. Mas acho que por muito tempo o presencial ficará um pouco acima”, comenta Carlos Otelac.

Em alguns momentos os entrevistados imaginaram cenários em que a pandemia de Covid-19 volte a exigir isolamento social ou mesmo que outro fator externo exija que as pessoas fiquem em suas casas por longos períodos. Para essas situações, todos consideram que hoje há um preparo satisfatório para que rapidamente possam acontecer contações online como paliativo para que a atividade permaneça.

“Espero que não volte a acontecer, mas se a biblioteca tiver que fechar novamente já sabemos o caminho das pedras. A biblioteca ainda não se atualizou tanto em infraestrutura quanto poderia, mas agora já conheço muito melhor as ferramentas e os contadores também. Sabemos que podemos nos virar no online se for necessário”, aponta Elisangela Silva.

Além das vantagens do presencial e da preferência do público já comentados, outro ponto mencionado pelos entrevistados para justificar por que não imaginam o online ganhando tanta força no Brasil no médio prazo é a exclusão digital que ainda é forte no país.

De acordo com o levantamento TIC Domicílios 2021, lançado em 2022 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), mesmo com a crescente digitalização o Brasil ainda tem um contingente enorme de pessoas sem acesso à internet: entre a população de 10 anos ou mais em todo o país, 35,5 milhões de pessoas não eram usuárias da rede mundial de computadores em 2021, o que corresponde a 19% dessa faixa etária (ou praticamente 1 em cada 5 indivíduos).

“O bibliotecário brasileiro já conhece bem a dificuldade da população para adquirir livros e a pandemia nos mostrou com mais clareza o enorme problema também de acesso à internet, ficou escancarada a questão da desigualdade. Sabemos que boa parte dos nossos frequentadores antes da pandemia não conseguiram nos acompanhar no digital. E veja só: nem eu tenho um celular bom, há usuários nossos que até têm celulares, mas eles são bons para acompanhar lives e contações? É difícil e isso é mais um problematizador”, afirma Elisangela Silva.

“(A exclusão digital do Brasil) torna tudo isso limitante. A gente fala em levar a contação a outros estados e países, mas às vezes pessoas que vivem próximas da biblioteca não conseguem acompanhar. A gente espera que isso vá melhorando com o tempo, mas hoje é muito complicado”, opina Lúcia Bissoto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados mais de dois anos do início da pandemia de Covid-19, especialistas de diversas áreas do conhecimento têm afirmado que o período atípico “acelerou a história”, fazendo com que tendências que ainda poderiam levar muito anos para se consolidar fossem assimiladas pela sociedade em meses.

Uma face notável desse fenômeno foi a digitalização de diversas atividades humanas, impulsionada pela necessidade de isolamento social das pessoas.

A Pandemia do Covid-19 fez despertar nas pessoas o interesse por usar tecnologias e suas aplicações. O movimento da transformação digital viu oportunidade de enraizar-se no modo de vida humano. A criatividade humana é acionada coletivamente para o ubíquo movimento da transformação digital. Uma sociedade cada vez mais fluida, cada vez mais líquida se apresenta na história. Exatamente essas tecnologias que estão contribuindo para amenizar o impacto da Covid19. (BERNUZZI; CHINA, 2020, p. 7).

5.1 O desafio das bibliotecas na pandemia

Essa acelerada digitalização também ocorreu nas bibliotecas, abruptamente fechadas em todo o mundo e com o desafio de atender seus públicos em um cenário completamente novo: sem o atendimento presencial.

A intensidade desse desafio variou muito de país para país e de biblioteca para biblioteca, considerando as normas sanitárias que cada nação adotou (em alguns casos permitindo que as bibliotecas fossem reabertas rapidamente como serviço essencial) e, principalmente, levando em conta o quão adaptada cada instituição já estava em relação aos meios digitais.

No caso das contações de histórias, a experiência não presencial mais forte no Brasil era a das transmissões na televisão, com destaque para programas da TV Cultura (especialmente na década de 1990). Como relatado pelos contadores de histórias entrevistados pelo trabalho, em meados de 2020, no início da pandemia, a prática de contação era maciçamente enxergada como uma atividade presencial.

Essa era a realidade da Biblioteca Hans Christian Andersen, que no início da pandemia havia explorado pouco o potencial de qualquer meio digital para promover contações de histórias. Como relatado, os profissionais foram surpreendidos pelo isolamento social e buscaram se adaptar com as transmissões de lives e gravações

de vídeos – enfrentando diversas dificuldades técnicas ao longo do percurso, como comentado pela bibliotecária chefe Elisangela Silva.

Analisando este experimento de caso, os contadores de história e o público entrevistado foram unânimes em afirmar que a experiência da pandemia comprovou a superioridade da contação de histórias presencial – sobretudo por conta da inigualável interação permitida quando a plateia e o contador estão no mesmo ambiente, com um contato sensorial impossível quando se assiste à contação por uma tela de celular, computador ou tablet.

A contação de histórias serve, assim, como um elemento de formação do indivíduo, mas também de educação sensorial e emocional, levando todos os participantes a buscarem tanto na leitura quanto na expressão oral e corporal as raízes de sua identidade. (JAHN, 2008, p. 1).

5.2 Aspectos da contação presencial e virtual

A compreensão do estudo de caso, baseada nos depoimentos de quem vivenciou as duas realidades (presencial e digital), foi a de que, quando a contação não é presencial, há uma perda irreparável na integração entre contador e público, que torna a experiência menos interessante e motivadora para ambos (sobretudo quando o público é formado por crianças) e reduz ganhos de aprendizagem que uma contação pode proporcionar.

Com base nessas impressões, a perspectiva é que, sem isolamento social, a contação de histórias presencial tende hoje a prevalecer em relação ao digital – como de fato foi observado na Biblioteca Hans Christian Andersen, que reduziu drasticamente as atividades digitais e voltou a fortalecer as contações presenciais tão logo foi possível reabrir a instituição, seguindo os anseios do público e dos profissionais.

Contudo, a principal vantagem observada em relação aos meios digitais foi a flexibilidade de permitir que um conteúdo permaneça disponível de forma atemporal – o que abre uma perspectiva de experiências híbridas no futuro, com contações presenciais que cada vez mais serão gravadas para serem disponibilizadas também de forma digital, algumas vezes também ao vivo (para atingir públicos em lugares distantes) e sempre permitindo que seja construído um imenso arquivo de contações de histórias gravadas que poderão ser indexadas e acessadas posteriormente.

Embora não se pense no meio digital superando o presencial em um médio prazo, a impressão foi de que, apesar da experiência inferior, a prática virtual funcionou para atender ao público durante o isolamento social e poderá ser utilizada em outros momentos excepcionais como foi a pandemia.

Além disso, o estudo também demonstrou que as possibilidades de integração entre as tecnologias digitais e a contação de histórias não se limitam ao que foi observado no caso Biblioteca Hans Christian Andersen, com lives e gravações de vídeos disponibilizadas no YouTube, Facebook e Instagram. As perspectivas futuras incluem a gravação de vídeos mais curtos para plataformas como o TikTok e a prática de contações de histórias no formato de podcast, entre outras.

5.3 Comparação com estudos semelhantes

Essa conclusão do estudo da Biblioteca Hans Christian Andersen converge com o que foi constatado em experiências similares já registradas na literatura (considerando não apenas os estudos realizados em bibliotecas, ainda escassos, mas também a prática de contações virtuais em hospitais e sala de aula durante a pandemia).

No caso da biblioteca escolar no Rio de Janeiro, por exemplo, embora tenham sido destacadas diversas dificuldades das contações e aulas virtuais, a conclusão aponta que “o desenvolvimento de competência em informação é um processo que faz parte do aprendizado ao longo da vida” (SANTOS; ZATTAR, 2021, p. 13) – o que pode ser interpretado como uma possibilidade de adaptação do público ao virtual quando necessário, mas sempre entendendo o presencial como formato predominante ideal.

No estudo com hospitais em Minas Gerais, foi exaltado o fato de um aplicativo possibilitar que contações de história tenham sido realizadas durante a pandemia para crianças internadas, o que beneficiou o processo de recuperação dos pacientes. Entendendo que o aplicativo pode sim ser uma alternativa para levar contações de histórias a hospitais, o trabalho também destaca que mais análises são necessárias para entender como a experiência virtual impacta o público.

A tecnologia digital pode sim contribuir na diminuição dos sentimentos negativos ocasionados pela hospitalização, e durante o período de isolamento social, sendo uma alternativa para que o processo de internação

seja menos traumático. Acredita-se que o tema atividades lúdicas, tecnologias digitais na infância e sua associação à criança hospitalizada requer novos estudos para que possam ser compreendidos os seus efeitos no desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças. (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 10).

E o caso das bibliotecas espanholas mencionado aqui também demonstra que as tecnologias digitais, embora ainda tragam dificuldades de adaptação e apresentem desvantagens em relação ao presencial, são uma alternativa viável para momentos de crise e que podem agregar benefícios ao presencial em períodos normais. O trabalho listou uma série de ações interessantes adotadas durante a pandemia, como, por exemplo, a narração e a divulgação, nas mídias sociais, de contos interpretados pelas mães contadoras de histórias das comunidades na Andaluzia (MATA; LANDIM, 2020, p. 22).

5.4 A exclusão digital

Vale ressaltar também que, embora democrática em certa medida (por permitir que conteúdos possam ser acessados por mais pessoas, em lugares distantes e a qualquer momento), deve ser feita a ponderação de que as tecnologias virtuais ainda são inacessíveis para milhares de pessoas no Brasil por conta da exclusão digital.

Esse é outro fator de suma importância para entender por que é contraditório considerar que a contação virtual atingirá um público maior quando muitos ainda lidam com internet de má qualidade ou nenhum acesso à internet – ou seja, ainda que numericamente um vídeo gravado de uma contação tenha potencial de atingir uma audiência superior ao público presente em qualquer contação presencial, é notório que muitas famílias terão imensas dificuldades para acessar um material restrito apenas aos meios digitais.

E é importante salientar que há diversas formas de exclusão digital.

Exclusão digital pode ser vista por diferentes ângulos, tanto pelo fato de não ter um computador, ou por não saber utilizá-lo (saber ler) ou ainda por falta de um conhecimento mínimo para manipular a tecnologia com a qual convive-se no dia-a-dia. De forma mais abrangente, podem ser consideradas como excluídas digitalmente as pessoas que têm dificuldade até mesmo em utilizar as funções do telefone celular ou ajustar o relógio do videocassete, observando-se assim que a exclusão digital depende das tecnologias e dos dispositivos utilizados. (ALMEIDA *et al.*, 2005, p. 56)

5.5 A formação do contador de histórias

Além de entender os prós e contras dos dois formatos de contações de histórias, com base na experiência do caso da Biblioteca Hans Christian Andersen, este estudo trouxe alguns outros pontos de debate relacionados à prática de contação de histórias nas bibliotecas, com destaque para o debate sobre a importância da biblioteca na formação de novos leitores e a necessidade de capacitação do bibliotecário como contador de histórias. Complementarmente, buscou apresentar as vantagens e desvantagens dos serviços virtuais . oferecidos pela biblioteca, considerando aspectos de infra-estrutura para atuação no ambiente virtual.

De forma geral, os entrevistados para este trabalho entendem que técnicas de teatro são fundamentais para a prática de contação de histórias e que isso hoje não existe na formação do bibliotecário, o que torna recomendável que o profissional busque alguma especialização, sobretudo em cursos voltados especificamente para contações e mediação de leitura.

Porém, ainda que para atores a atividade seja mais fácil, nada impede que o bibliotecário também se especialize nesse serviço, como é o caso de Carlos Otelac, bibliotecário de formação, que é um exemplo bem-sucedido de profissional que buscou aprimoramento e hoje concilia as atividades tradicionais de biblioteca com a contação.

O fato é que, tanto bibliotecários quanto outros profissionais, uma vez atuando com contação de histórias, deverão também ter dificuldades técnicas e estruturais para se adaptar aos meios digitais – e é recomendável que no pós-pandemia haja a preocupação de se adaptar às necessidades do ambiente virtual também, embora o estudo compreenda que o presencial tende a prevalecer ainda por bastante tempo.

6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E PERSPECTIVAS FUTURAS

O estudo buscou contribuir com o debate sobre crescimento da digitalização na área da biblioteconomia, e os serviços oferecidos no ambiente virtual, com especial atenção à prática de contação de histórias, buscando apoio no referencial teórico já existente na literatura e o depoimento embasado de pessoas próximas ao assunto, sejam como profissionais ou como público que acompanha de perto os serviços.

As conclusões apresentadas tiveram como base os padrões encontrados entre os relatos e o referencial teórico, mas vale apontar que a amostra ainda é pequena, seja pelo experimento social curto (baseado no período de dois anos de pandemia, sendo pouco mais de um ano de isolamento social mais rígido) ou pelo limitado número de depoimentos e obras recentes para traçar tendências de um fenômeno maior: o quanto a pandemia impactou as atividades com crescimento do número digital e o que é possível esperar do futuro.

Certamente, conclusões mais assertivas serão possíveis com mais tempo de observação sobre como o digital funcionará de forma híbrida ao presencial no pós-pandemia e também com a publicação de novos estudos focados nas mudanças nas relações e atividades humanas desde a oficialização da pandemia em março de 2020, seja na área de Biblioteconomia ou em qualquer outra.

REFERÊNCIAS

8 PODCASTS infantis de contação de histórias para ouvir com seu filho e soltar a imaginação. **Pais & Filhos**, 2021. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/familia/8-podcasts-infantis-de-contacao-de-historias-para-ouvir-com-seu-filho-e-soltar-a-imaginacao/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ABREU, Shirley Angelina de. **Podcasting**: o uso de uma ferramenta para contar histórias. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VRNS-9NDGE8/1/alef.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ALMEIDA, Lília Bilati de *et al.* O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. **JISTEM**: Journal of Information Systems and Technology Management, v. 2, p. 55-67, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jistm/a/7BZxyCX73JT9tJbBmsbfZ8w/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 set. 2022.

ALMEIDA, M. C. B. de. Bibliotecas públicas, educadores e formação de leitores. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 5, p. 31-36, abr./jun. 2008. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=v4RaCgAAQBAJ&pg=PT27&lpg=PT27&dq=%22BIBLIOTECAS+P%C3%9ABLICAS,+EDUCADORES+E+FORMA%C3%87%C3%83O+DE+LEITORES%22&source=bl&ots=vRHv1rEkDA&sig=ACfU3U370D1RVKeiOFITTOa90rek7j4qfg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiP1fH5pK_0AhXsppUCHX2jC2wQ6AF6BAgCEAM#v=onepage&q=%22BIBLIOTECAS%20P%C3%9ABLICAS%2C%20EDUCADORES%20E%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20LEITORES%22&f=false. Acesso em: 30 set. 2021.

AMORIM, Aline Pessoa de Oliveira. **Design e Arquitetura**: a criança e as bibliotecas pública infantil e escolar. 2017. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-21122017-093737/publico/AlinePessoadeOliveiraAmorim_REV.pdf. Acesso em: 30 set. 2021.

ANTUNES, F. 6 podcasts de contação de história para ouvir na hora de dormir. **Bebê.com.br**, 16 jun. 2020. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/familia/6-podcasts-de-contacao-de-historia-para-ouvir-na-hora-de-dormir/>. Acesso em: 21 set. 2022.

ARTUSSA, L.; MONTEIRO, M. I. A arte de contar histórias e suas relações com as práticas de leitura. **Poíesis Pedagógica**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 43-64, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v15i2.43209. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/43209>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BERNUZZI, Cristiano Carneiro; CHINA, Anna Patrícia Zakem. As contribuições da tecnologia para amenizar o impacto da pandemia. *In*: WORKSHOP DE TECNOLOGIA DA FATEC RIBEIRÃO PRETO, 2., 2020, Ribeirão Preto. **Anais [...]**. Ribeirão Preto: Fatec, 2020. Disponível em: http://www.fatecrp.edu.br/WorkTec/edicoes/2020-2/trabalhos/II-Worktec-Cristiano_Carneiro_Bernuzzi.pdf. Acesso em: 21 set. 2022.

BIBLIOTECA HANS Christian Andersen – Temática em Contos de Fadas. **SP Bairros**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.spbairros.com.br/biblioteca-hans-christian-andersen-tematica-em-contos-de-fadas/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

BIBLIOTECA LANÇA canal de contação de histórias no YouTube. **Biblioteca Pública do Paraná**, . Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Noticia/Biblioteca-lanca-canal-de-contacao-de-historias-no-YouTube>. Acesso em: .

BICHERI, A. L. A. de O.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar Em Revista**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2013.106585>. Acesso em: 21 set. 2022.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233 f. Tese (doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103349>. Acesso em: 30 set. 2021.

BORTOLIN, S.; BURGHI, V. J. A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de histórias. **Informação@Profissões**, v. 3, n. 1-2, p. 213-226, 2014. DOI:

10.5433/2317-4390.2014v3n1-2p213. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/21059/pdf_25. Acesso em: 30 set. 2021.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte. *In*: BARCA, A.; PERALBO, M.; PORTO, A.; SILVA, B. D.; Almeida, L. (ed.). **Atas do IX Congresso Internacional Galego Português de Psicopedagogia**. Coruña, ES: Universidade da Coruña, 2007. p. 837-846. Disponível em: <https://docplayer.com.br/70683-Podcast-em-educacao-um-contributo-para-o-estado-da-arte.html>. Acesso em: 1 jun. 2022.

CAVALCANTE, L. E.; RASTELI, A. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, v. 18, n. 36, p. 157-180, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157>. Acesso em: 1 jun. 2022.

CERIBELLI, Carina; NASCIMENTO, Lucila Castanheira; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças hospitalizada. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n1/pt_13.pdf. Acesso em: 21 set. 2022.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Coelho-Dicionario_critico_de_politica_cultural.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

COSTA, G.; TOKARNIA, M. Pandemia de covid-19 fez ensino e papel do professor mudarem. **Agência Brasil**, 15 out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-10/pandemia-de-covid-19-fez-ensino-e-papel-do-professor-mudarem>. Acesso em: 26 set. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Brique de Lemos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 30 set. 2021.

ERA Uma Vez Um Podcast, c2022. Página inicial. Disponível em: <https://eraumavezumpodcast.com.br/>. Acesso em: 21 set. 2022.

ESPECIAL do mês: podcasts literários. **Biblioteca Pública do Paraná**, . Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Especial-do-mes-podcasts-literarios>. Acesso em: .

FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V.; NAVARRA, M. C. A contação de histórias nas bibliotecas públicas de barcelona: impressões de viagem. **Informação & Informação**, v. 23, n. 3, p. 696-707, 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n3p696. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/108408>. Acesso em: 21 set. 2022.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A identidade como narrativa**: histórias de contadores de histórias em Santa Catarina. 2018. 213 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187063/PCIN0176-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 set. 2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca Pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/biblioteca-publica-principios-diretrizes>. Acesso em: 30 set. 2021.

GOMES, D. Livros que amamos: histórias para crianças. [S. l.]: Spotify, [s.d.]. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/40L2sfWVhmdDBTB5jYrENA>. Acesso em: 21 set. 2022.

GONÇALVES, C. B.; LOPES, R. **A contação de história como fenômeno cultural**. [S. l.: s. n.], 20?. Disponível em: https://avauea.uea.edu.br/pluginfile.php/238536/mod_resource/content/3/UNIDADE_I_A%20conta%C3%A7%C3%A3o%20de%20hist%C3%B3ria%20como%20fen%C3%B4meno%20cultural.pdf. Acesso em: 21 set. 2022.

GUILHERME, Denise. Qual a diferença entre ler e contar histórias?. **ATABA**, 19 nov. 2013. Disponível em: <https://blog.ataba.com.br/contar-historias/>. Acesso em: 21 set. 2022.

IFLA; UNESCO. Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Manifesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. [S. l.]: IFLA/UNESCO, 1994. Disponível

em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.

JAHN, Livia Petry. A contação de histórias como ferramenta na construção da identidade. *In: SALÃO DE EXTENSÃO*, 9., 2008, Porto Alegre. **Caderno de resumos**. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 2008.

KOROLL, Elizete Zimmermann. **A influência da mídia na contação e dramatização de histórias infantis**: Canal Filomenal, uma ponte dialógica entre literatura e tecnologia. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguagens e Educação a Distância) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/200849>. Acesso em: 20 set. 2022.

LOURENÇO, A. Contando histórias e encantando nos espaços de leitura. **Ciência da Informação em Revista**, v. 1, n. 2, p. 28-31, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1442/1197>. Acesso em: 30 set. 2021.

MATA, Marta Leandro da; LANDIM, Laís Alpi. Desafios e perspectivas das bibliotecas frente à pandemia covid-19 na Espanha e no Brasil. *In: SPUDEIT, Daniela; SOUZA, Claudia (org.). Atuação de profissionais da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia em época de pandemia*. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. Disponível em <http://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2021010004.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

MENEZES, J. de A.; BOTELHO S. S.; SILVA, R. A. da; SANTOS, A. C. de H.; LEÃO, D. S. de S.; CANALES, V. F.; SILVA, H. L. da; SILVA, I. N. F. da.; SANTOS B. V. dos. A contação de histórias no Instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/tvYzGZyN7SrBFNWzySWtcPv/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 30 set. 2021.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 23-56.

MORAIS, M. R.; FERNANDES, E. da R. Mediadores da leitura e formação do leitor. **Porto Das Letras**, v. 4, n. 3, p. 117-136, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/4921>.

Acesso em: 21 set. 2022.

MOURA, A.; CARVALHO, A. Podcast: Potencialidades na Educação. *In*: ENCONTRO NACIONAL SOBRE WEBLOGS, 3.; ENCONTRO LUSO-GALAICO SOBRE WEBLOGS, 1., 2006, Porto, PT. **Actas** [...]. Porto, PT: Universidade do Porto, 2006. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2112>. Acesso em: 1 jun. 2022.

O DESAFIO da exclusão digital. **Nic.br**, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/o-desafio-da-exclusao-digital/>. Acesso em: 21 set. 2022.

OLIVEIRA, S. H.; MACHADO, A. M.; SANTOS, P. J. A.; AMORIM, R. A. M.; RESENDE, L. R. de S.; SOUZA, T. H. B. de; ALVES, A. P. S.; GESTEIRA, E. C. R. Digital Technology: the creation of an application for storytelling to children hospitalized during the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 4, p. e30811427278, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.27278. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27278>. Acesso em: 26 abr. 2022.

PEREIRA, A. P.; NASCIMENTO, A. P. S.; CAVALCANTE, L. de F. B.; SILVA, T. E. da. Mediação Cultural na contação de histórias da Biblioteca Pública Infantil de Londrina. **Informação & Sociedade: Estudos**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 225-250, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/44255>. Acesso em: 21 set. 2022.

PETELIN, A. B.; FUJINO, A. Ações de mediação de leitura e formação do profissional bibliotecário. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis, **Anais** [...], Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121758>. Acesso em: 25 maio 2022.

QUEIROZ, T. 5 podcasts infantis para ouvir na quarentena com os filhos. **Crescer**, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Thiago-Queiroz-Paizinho-virgula/noticia/2020/03/5-podcasts-infantis-para-ouvir-na-quarentena-com-os-filhos-coronavirus.html>. Acesso em: 21 set. 2022.

RÁ-TIM-BUM: Contadores de Histórias – A História do Grande Livro de Histórias. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Memória Infantil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DR1jz1OkSWc>. Acesso em: 21 out. 2021.

ROCHA, E. S. S.; WELLICHAN, D. S. P. As bibliotecas diante de uma pandemia: atuação e planejamento devido a Covid-19. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 25, n. 3, p. 493-508, 2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1700>. Acesso em: 30 set. 2021.

SANTOS, Alice Idália Rodrigues dos; ZATTAR, Marianna. Biblioteca escolar e Competência em Informação: experiência na pandemia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/1644>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SILVA, A. C. D. M.; SEI, M. B. A Contação de Histórias e a humanização no hospital: vivências de profissionais da saúde. **Revista da SBPH**, v. 22, n. 2, p. 68-89, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582019000300005. Acesso em: 1 jun. 2022.

SILVA, A. J. M.; ALENCAR, A. Q.; BERNARDINO, M. C. R. Biblioteca escolar e mediação da leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Revista Folha de Rostto**, v. 3, p. 36-44, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/39231>. Acesso em: 30 set. 2021.

SILVA, P. M. Sistemas de informação em bibliotecas: o comportamento dos usuários e bibliotecários frente às novas tecnologias de informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 1-24, 2008. DOI: 10.20396/rdbci.v5i2.2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2010>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SISTEMA Público de Bibliotecas Municipais de Fortaleza divulga programação on-line para o mês de setembro. **Prefeitura de Fortaleza**, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/sistema-publico-de-bibliotecas-municipais-de-fortaleza-divulga-programacao-on-line-para-o-mes-de-setembro>. Acesso em: 21 set. 2022.

SOUSA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. DOI: 10.17648/educare.v6i12.4643. Disponível

em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643>.

Acesso em: 30 set. 2021.

SOUZA, A. C. P. Recursos auxiliares e criativos para contação de histórias na biblioteca escolar. **Biblionline**, v. 13, p. 17-20, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4775.2017v13nEspec.38582.

STOCKER, Claudia Teresinha; FIALHO, Janaina. **A contação de histórias como recurso na formação de leitores: projetos permanentes e gestão profissional na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018**. Aracaju: Infographics, 2019.

VIEIRA, Josina da Silva. **A importância da contação de história como um fator de mediação de leitura para as crianças na biblioteca pública infantil 104/304 sul: um estudo de caso**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.